

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
JULIANA FRANÇA VARELLA

EM BUSCA DE UM *SONHO*: UMA ANÁLISE DO FLUXO DE ESTUDANTES  
BRASILEIROS PARA A BOLÍVIA

BRASÍLIA

2013

JULIANA FRANÇA VARELLA

EM BUSCA DE UM *SONHO*: UMA ANÁLISE DO FLUXO DE ESTUDANTES  
BRASILEIROS PARA A BOLÍVIA

Trabalho apresentado na Universidade de Brasília,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
bacharel em ciências sociais com habilitação em  
antropologia sob orientação da professora Dra.  
Andréa de Souza Lobo.

BRASÍLIA

2013

JULIANA FRANÇA VARELLA

EM BUSCA DE UM *SONHO*: UMA ANÁLISE DO FLUXO DE ESTUDANTES  
BRASILEIROS PARA A BOLÍVIA

Trabalho apresentado na Universidade de Brasília,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
bacharel em ciências sociais com habilitação em  
antropologia sob orientação da professora Dra.  
Andréa de Souza Lobo.

Banca Examinadora:

Andréa de Souza Lobo (Orientadora)  
(Universidade de Brasília)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_

Soraya Resende Fleischer  
(Universidade de Brasília)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. \_\_\_\_\_

À minha família e a todos os sonhadores brasileiros.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos aqueles que estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando, tanto durante a consecução deste trabalho quanto no período em que eu cursava a graduação: aos professores, que me transmitiram conhecimentos teóricos essenciais para eu que eu me torne uma profissional de qualidade, em especial, à minha orientadora, Andréa, pelos momentos de discussão teórica e por sempre ter acreditado na minha capacidade e me guiado durante o período em que eu realizava essa pesquisa; aos meus colegas de classe, que possibilitaram diálogos profícuos durante as aulas; ao meu namorado, à minha irmã e aos meus amigos, que sempre me acompanharam tanto nos momentos de conquista quanto nos momentos em que eu precisava ter minhas angústias ouvidas; à minha mãe, por me dar conselhos de todas as ordens e por sempre me ouvir pacientemente, mesmo quando as conversas adentravam a madrugada e já estava exausta após um longo dia de trabalho.

Um agradecimento especial a todas as pessoas que me doaram seu tempo, paciência e confiança para que eu pudesse fazer a coleta de dados: aos estudantes que responderam ao censo virtual; ao Sr. Marcelo, entusiasta dessa pesquisa e parte importante de todo o processo de execução do censo, bem como da coleta de dados oficiais; à Sra. Maria, por me conceder uma entrevista que me ajudou a olhar para o objeto de uma outra perspectiva, além de ter se colocado à disposição para me auxiliar a fazer uma futura viagem à Santa Cruz de La Sierra; e, por fim, aos estudantes e suas respectivas famílias de Nova Xavantina, Mato Grosso, que me acolheram tão bem em suas casas durante o período de entrevistas e com quem sempre pude ter conversas longas e sinceras.

## **Resumo**

Após reelaborações do conceito de cultura, a antropologia passou a se dedicar mais intensamente ao estudo das migrações. Essa monografia tem por objetivo discutir o fluxo de estudantes brasileiros para a Bolívia, com vistas a se graduarem em medicina, a partir de duas noções principais: o conceito de projetos e o de ritos de passagem. O trabalho foi construído a partir de entrevistas semi-estruturadas e de um censo virtual. As conclusões preliminares apontaram para a educação formal como trampolim para a ascensão social e para a medicina como uma profissão que possibilitaria mudança de *status* e recompensa financeira, ao menos, no imaginário dos estudantes. Os desdobramentos políticos indicam a necessidade de políticas públicas que levem em conta as desigualdades regionais no campo da educação e da saúde e de análises sobre a formação do médico no Brasil e na Bolívia.

### **Palavras-chave:**

Fluxo estudantil; Projetos; Ritos de passagem.

## Sumário

Introdução .....	7
Capítulo 1: Panorama .....	11
1.1 – Censo Virtual .....	12
Capítulo 2: Sobre projetos de vida .....	30
2.1 – O grupo de Nova Xavantina e o contexto Xavantinense.....	32
2.2 – A construção do projeto migratório: a importância das redes sociais .....	35
2.3 – Projeto educacional X projeto laboral: um fluxo às avessas .....	40
2.4 – O projeto de ser médico e o valor da medicina .....	47
Capítulo 3: Sobre ritos e estudantes .....	54
Considerações Finais.....	69
Referências Bibliográficas .....	72
Apêndice I – Formulário do Censo Virtual .....	76

## Introdução

No primeiro semestre de 2010, meu quinto semestre como aluna de graduação em antropologia na UnB, cursei a disciplina de métodos e técnicas em antropologia social, para a qual tive que fazer um trabalho final baseado em uma pesquisa própria. Foi no momento em que eu buscava temas de interesse para realizar tal trabalho que recebi um *e-mail* de uma amiga de Nova Xavantina, Mato Grosso, a respeito da sua recente mudança para Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Pouco antes de ir, ela havia comentado seu desejo de cursar medicina, de como era difícil realizá-lo aqui no Brasil e das facilidades que a Bolívia oferecia aos estudantes.

A visão antropológica me mostrou que por trás daquele *e-mail* cheio de novidades havia questões instigantes. Na mensagem, ela retratava o seu estranhamento frente à nova cultura, cidade e povo. Assim, o estranhamento de um terceiro suscitou o mesmo em mim, primeiro passo para uma investigação genuinamente antropológica. Mas esse estranhamento era de natureza diferente: ao invés de direcionado aos hábitos daquele povo descritos por ela, ele se deu no sentido de indagar os próprios estudantes acerca da decisão de *migrar*. Busquei, então, saber sobre esse grupo e esse fluxo.

Essa amiga teve um papel fundamental na pesquisa, pois me indicou pessoas que também estavam na Bolívia e com quem eu poderia conversar, auxiliando-me na construção de uma rede de contatos da qual eu precisaria para dar continuidade ao trabalho.

Como os estudantes só podiam estar em Nova Xavantina durante suas férias (em janeiro e julho) e como eu não pude ir até Santa Cruz, as entrevistas e conversas informais que deram subsídio a esse trabalho foram realizadas na cidade mato grossense, no período em que os estudantes estavam visitando seus parentes e amigos. Aproveitei a oportunidade também para conversar com as famílias.

Quem são, afinal, esses brasileiros que deixam suas famílias e suas vidas no Brasil para mudar para um país desconhecido em busca, como dizem eles, do “sonho de ser médico”? E por que a Bolívia? Por que Santa Cruz?

Diversas reportagens foram veiculadas na mídia durante esses dois anos de trabalho com o objeto de estudo. A matéria mais marcante foi, sem dúvida, a exibida pelo programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em junho de 2011. Ela mostrou a realidade pobre e difícil por que passam os estudantes brasileiros na Bolívia, além do



drama que os que já voltaram para o Brasil enfrentam para revalidar seus diplomas e obter o CRM<sup>1</sup> para trabalhar legalmente no país.

A reportagem citada acima me deixou ainda mais intrigada por desvendar quem eram de fato essas pessoas. Seriam elas, em sua maioria, de classe média baixa? Qual o nível de escolaridade de seus pais? Seriam elas egressas de escolas públicas ou particulares aqui no Brasil? Por que se submeteriam a tantas agruras num país estranho? Todas essas perguntas me mobilizaram no sentido de buscar informações sobre esse grupo em fluxo.

Até o final dos anos 50 e início dos anos 60, os fluxos migratórios não eram tão centrais para a antropologia. Isso pode ser explicado pelo fato de a antropologia à época vincular a noção de cultura a territórios restritos, algo estanque e formado por “unidades homogêneas”. Uma vez que os antropólogos reelaboraram essa noção de cultura, tornou-se possível voltar os olhares para processos migratórios. Então, percebeu-se um movimento da antropologia em estudar a migração naquelas áreas que tinham sido, tradicionalmente, os lugares onde os antropólogos faziam seus trabalhos de campo etnográficos, a saber, a África, a Oceania e, cada vez mais, a América Latina e o Caribe. Nesses lugares, os movimentos de pessoas indo do campo às cidades e, mais tarde, a outros países, chamaram a atenção dos antropólogos cujo interesse pelos migrantes cresceu também com o aumento dos estudos da antropologia urbana e dos estudos dos camponeses (BRETTELL & HOLLIFIELD, 2000).

Essa monografia tem por objetivo discutir o fluxo de estudantes brasileiros para a Bolívia, com vistas a se graduarem em medicina. Guiada pelo princípio antropológico de que os atos humanos não são ilógicos (WOORTMANN, 1986), foquei-me em buscar a lógica social própria que embasou a decisão dos meus interlocutores de partirem. Nas

---

<sup>1</sup> Refere-se à inscrição no Conselho Regional de Medicina. Referente ao exercício da profissão de médico no país, a norma regulamentadora é a Lei Federal nº 3.268/57, que, em seu artigo 17, expressa o seguinte: “Art. 17 — Os médicos só poderão exercer legalmente a medicina, em qualquer de seus ramos ou especialidades, após o prévio registro de seus títulos, diplomas, certificados ou cartas no Ministério da Educação e Cultura e de sua inscrição no Conselho Regional de Medicina, sob cuja jurisdição se achar o local de sua atividade” .

São três as modalidades de inscrição:

- 1) Primária: primeira inscrição em um CRM;
- 2) Secundária: duas ou mais inscrições em Estados diferentes do Brasil;
- 3) Transferência: quando já possui inscrição em um CRM e deseja transferi-la para outro estado do Brasil.

Além dos documentos pertinentes à Inscrição Primária, Secundária ou por Transferência, o médico brasileiro formado no exterior deverá apresentar:

Tradução juramentada do diploma;

Diploma revalidado por Universidade Pública Brasileira.

Fonte: <http://www.crmmg.org.br/interna.php?n1=12&n2=21&n3=69&n4=93&pagina=94>, acessado em 20 de fevereiro de 2013. Ver também: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L3268.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L3268.htm).

palavras de Woortmann (1986): “se há algum ponto sólido na teoria antropológica é o de que não há valores irracionais”. Como demonstrarei ao longo dos capítulos, esse trabalho trata de um fluxo que poderia ser classificado como inusitado, mas que possui um sentido muito forte para as pessoas que dele fazem parte.

A literatura que encontrei de fluxos me forneceu categorias úteis de análise, mas não me pareceu ser a mais adequada para compreender o fluxo em estudo. O que li versa especialmente sobre fluxos migratórios com finalidades laborais. Alguns poucos (SUBUHANA, 2009; MUNGOI, 2006; MORAIS, 2009; GUSMÃO, 2008; COSTA, 2008) discutem o movimento de estudantes. Apesar de o caso que estudo se aproximar mais do segundo tipo, ele ainda guarda algumas diferenças, que podem contribuir para as teorias antropológicas dos fluxos contemporâneos.

A principal diferença em relação à bibliografia que discute fluxos laborais é o projeto que está por trás do movimento. No meu caso, o projeto não é de trabalho, mas educacional. Como será visto, a valorização da educação formal e da medicina está no cerne da elaboração do *projeto* desses estudantes em fluxo, que também pode ser encarado como um *rito de passagem*, na medida em que visa proporcionar uma estratégia de ascensão social.

Por sua vez, a literatura sobre estudantes em fluxos, que insere a motivação educacional dentro de suas preocupações, também não dá conta de outras questões que estão presentes no meu objeto de estudo. Em toda a bibliografia que consultei, os estudantes saem de seus países de origem e se deslocam para países considerados mais desenvolvidos economicamente e que, por isso, abrigariam instituições educacionais melhores. Essa lógica *sul-norte* aparece em todos os casos com os quais tive contato, exceto em meu próprio caso de investigação.

A lógica sul-norte a qual me refiro diz respeito não só à dimensão econômica, mas também à influência cultural que, em tese, os países do norte têm sobre os países do sul. Importante ressaltar que na bibliografia sobre estudantes em fluxo, tratava-se de locais que eram positivados pelos estudantes africanos, vistos como mais avançados em relação aos seus países de origem. O que eu pude perceber a partir da minha pesquisa é que o fluxo Brasil-Bolívia inverte algumas lógicas presentes nesses casos migratórios.

A exemplo de Malinowski (1997 [1922]), meu primeiro passo investigativo foi o de buscar os dados sociológicos do grupo estudado, a respeito do qual mesmo fontes oficiais afirmaram não saber muito. Por isso, esse trabalho começa com uma coletânea de informações que especulam – já que dados oficiais não puderam dizer ao certo – o

número de estudantes brasileiros na Bolívia e com um censo virtual que visou a constituir um perfil preliminar dessas pessoas. Tudo isso forneceu um *esqueleto da constituição* do grupo, que depois veio a ser recheado com os discursos de um grupo menor com o qual trabalhei por pouco mais de dois anos. Esse grupo é formado de oito estudantes oriundos da cidade de Nova Xavantina, no Mato Grosso, e que hoje estudam medicina em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia<sup>2</sup>. Em algumas ocasiões, tive a oportunidade de conversar também com alguns de seus familiares e de participar de rodas informais de conversa na cidade em que o tema desse trabalho surgia com muita naturalidade.

No primeiro capítulo, exporei um panorama do fluxo estudantil Brasil-Bolívia, ou, como chamou Malinowski, o esqueleto. No segundo capítulo, começo a discutir a lógica que move esses estudantes a efetuarem um movimento que chamarei de um fluxo às avessas, tratando-o como um projeto individual e familiar, conforme as teorias de Velho (1994). No terceiro capítulo, analisarei o fluxo sob a ótica dos ritos de passagens, buscando aproximações com o que foi descrito pela literatura (GENNEP, 2011[1909] e TURNER, 1974[1969]), quando elas forem pertinentes e coerentes com os dados obtidos em campo. Por último, nas considerações finais, farei uma retomada das discussões tecidas ao longo do trabalho e discutirei brevemente possíveis desdobramentos políticos do tema.

---

<sup>2</sup> Dois dos meus entrevistados acabaram desistindo de cursar medicina na Bolívia. Um afirmou ter tido problemas pessoais e ter preferido voltar para o Brasil e tentar outro curso. Hoje estuda nutrição em uma universidade pública a alguns quilômetros de Nova Xavantina. O outro me contou que sua intenção era transferir o curso de medicina para uma universidade brasileira, mas quando percebeu que seria difícil realizar uma transferência, preferiu voltar ao Brasil e entrar num cursinho em Goiânia, para tentar se preparar melhor para prestar novamente o vestibular para medicina.

## Capítulo 1: Panorama

Por se tratar de um movimento ainda pouco analisado, inclusive pelos órgãos governamentais do Brasil e da Bolívia, dados oficiais sobre o perfil do grupo de estudantes brasileiros na Bolívia não estavam disponíveis. Após inúmeros contatos fracassados com a embaixada boliviana em Brasília, consegui, através do Itamaraty, apoio para a minha pesquisa. O senhor Marcelo Santa Cruz de Freitas Ferraz, secretário na divisão de assistência consular do Itamaraty, mostrou-se interessado pela pesquisa e afirmou a necessidade de que esse grupo fosse conhecido.

Segundo ele, por existirem poucos dados sobre o grupo, fica difícil atender às suas demandas e que por conta dos problemas institucionais da Bolívia, os estudantes encontram algumas dificuldades em duas situações especiais: regularização da situação migratória e recebimento do diploma ao término do curso, negado pelo ministério da educação boliviano quando o estudante não tem situação migratória regularizada.

Uma forma de ouvir as demandas dos estudantes, contou-me, é através do Conselho de Cidadãos, ferramenta do MRE que funciona em postos da rede consular para ouvir os brasileiros que estão em outros países. Na Bolívia, esse Conselho é constituído basicamente de agricultores e estudantes, dada a expressão desse grupo naquele país. Ainda segundo Marcelo, a Bancada do Acre, que depende desses médicos formados na Bolívia, estabelece contatos frequentes com o MRE para tentar ajudar os estudantes brasileiros que lá estão. A esse respeito relacionam-se outros dois problemas sociais: a má distribuição de médicos no Brasil e a dificuldade que esses estudantes enfrentam para a obtenção do CRM brasileiro, o que é, inclusive, amplamente discutido pela mídia.

Além da referida importância sociopolítica do tema, do ponto de vista antropológico sua relevância reside no fato de dialogar intensamente com as teorias migratórias e questioná-las em determinados pontos, uma vez que a literatura pertinente não se debruçou ainda como deveria sobre um fluxo que é, antes de tudo, *estudantil* e não laboral<sup>3</sup>.

Assim, pode-se dizer que a dimensão, visibilidade e as implicações que o movimento de estudantes brasileiros rumo à Bolívia geram para a sociedade brasileira e

---

<sup>3</sup> Existem estudos de fluxos estudantis, a exemplo dos que foram utilizados para a reflexão proposta neste trabalho. Ver Costa (2008), Gusmão (2008), Morais (2009; 2010; 2012), Mungoi (2006), Subuhana (2009).

para a antropologia têm o tornado um objeto de estudo ímpar. Em uma palavra, o interesse por ele é pessoal, social, antropológico e político, ao nível das relações internacionais.

Alguns meses após a referida conversa com o Sr. Marcelo, surgiu a ideia de elaborarmos conjuntamente questões para um censo, que foi publicado nas páginas dos consulados brasileiros na Bolívia na rede social *Facebook*. Ao fim do censo virtual, conseguimos obter 616 respostas, o que nos possibilitou começar a refletir sobre um possível perfil do brasileiro que está na Bolívia, que será discutido a seguir.

### 1.1 – Censo Virtual

Segundo dados do Itamaraty<sup>4</sup>, o número de brasileiros na Bolívia se distribui da seguinte forma:

<b>Cobija</b>	<b>Cochabamba</b>	<b>Guayaramerín</b>	<b>La Paz</b>	<b>Puerto Suárez</b>	<b>Santa Cruz</b>
3813	7000	3906	18054	51	10027

Esses números, no entanto, não discriminam estudantes de trabalhadores. Porém, segundo inferência do próprio Itamaraty, o número de estudantes brasileiros na Bolívia estaria entre 6 mil e 10 mil. De acordo com o consulado em Cochabamba, cada brasileiro gasta cerca de US\$ 1000 mensais. Essas eram as únicas informações oficiais de que se dispunha antes da realização do censo virtual.

O censo foi uma forma que o Sr. Marcelo Ferraz encontrou para que pudéssemos traçar um perfil do brasileiro que estuda na Bolívia diante da impossibilidade de nos deslocarmos para aplicarmos os questionários. Assim, ele fez contato com os consulados brasileiros na Bolívia para que divulgassem em seus perfis na rede social *Facebook* o *link* que redirecionava os internautas para uma página na Internet que continha o formulário do censo. Findo o tempo de coleta, havíamos obtido 638 respostas, que foram analisadas, padronizadas e que ao fim do processo – devido a, por exemplo, a eliminação de questionários respondidos mais de uma vez por um mesmo estudante – foram reduzidas ao número de 616 observações<sup>5</sup>.

---

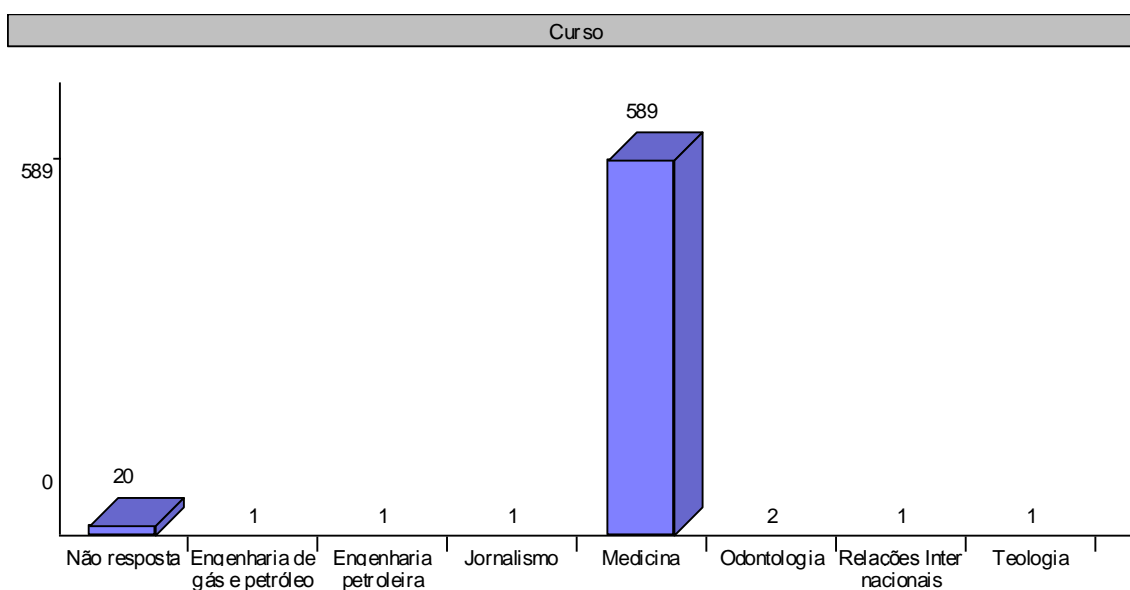
<sup>4</sup> Conseguidos graças à gentileza do Sr. Marcelo Santa Cruz de Freitas Ferraz, responsável pelo setor de comunidades brasileiras no exterior do Ministério das Relações Exteriores, em me conceder uma entrevista realizada no Itamaraty no dia 29 de maio de 2012, além de constante troca de mensagens eletrônicas.

<sup>5</sup> O software que utilizei para cruzar os dados e gerar tabelas e gráficos foi o Sphinx Lexica Versão 5.

Essa espécie de censo virtual contemplou questões referentes à classe social dos estudantes, ao nível de escolaridade, nível de renda, idade, gênero, ano de chegada à Bolívia e avaliação de sua experiência no país vizinho. Além disso, os estudantes foram indagados acerca de seu estado de origem no Brasil e sobre o local onde pretendem trabalhar no futuro. Como o interesse, nesse primeiro momento, era conhecer a população brasileira estudante na Bolívia, a questão sobre o curso escolhido também foi colocada.

A seguir, os dados coletados serão apresentados na forma de gráficos, tabelas simples e cruzadas, quando o cruzamento das variáveis se mostrar pertinente e profícuo.

O primeiro dado que chama atenção e corrobora a importância do recorte escolhido no presente trabalho é o fato de a maior parte dos estudantes brasileiros ir para a Bolívia em busca do curso de medicina. Como mostra o gráfico abaixo, dos 616 estudantes que responderam à pesquisa, 589 estudam medicina, o que representa 95,5% do total.



**Figura 1 - Curso escolhido pelos estudantes brasileiros na Bolívia.**

Abaixo, a tabela com o percentual de homens e mulheres estudantes.

<b>Gênero</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Não resposta	26	4,2%
Feminino	259	42,0%
Masculino	331	53,7%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 1 - Percentual de estudantes brasileiros na Bolívia por gênero.**

Com relação às idades dos estudantes, percebe-se que são, sobretudo, jovens, que têm entre 18 e 24 anos, formados há pouco tempo no ensino médio. As pessoas que entrevistei fazem parte desse grupo.

<b>Idade</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Não resposta	24	3,9%
15 a 17 anos	1	0,2%
18 a 24 anos	312	50,6%
25 a 30 anos	188	30,5%
31 a 35 anos	63	10,2%
36 a 40 anos	16	2,6%
40 anos ou mais	12	1,9%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 2 - Percentual dos estudantes por faixa etária.**

Os dados a respeito do ano letivo em que estão os estudantes mostram que a maior parte deles está ainda nos três primeiros anos do curso, que dura, em média, seis anos. A questão que se pode levantar a partir desses dados é: será a maior parte dos estudantes recém-chegada na Bolívia ou será que o número de desistência no curso é alto? Talvez o cruzamento entre a variável “ano em que chegou à Bolívia” e “ano letivo” possa dar algumas pistas.

Ano letivo do curso você em que está	Freq.	%
Não resposta	28	4,5%
Primeiro ano	87	14,1%
Quarto ano	78	12,7%
Quinto ano	58	9,4%
Segundo ano	180	29,2%
Sexto ano	19	3,1%
Terceiro ano	166	26,9%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 3 - Percentual de estudantes por ano letivo em que se encontram.**

A tabela abaixo apresenta o percentual de estudantes por ano de chegada à Bolívia. De fato, percebe-se que os estudantes que responderam ao censo chegaram, em sua maioria, há pouco tempo na Bolívia, o que pode explicar a grande quantidade de estudantes que está entre o primeiro e o terceiro ano letivo. 70,2% dos estudantes estão entre o primeiro e o terceiro ano letivo e 73,3% chegaram à Bolívia entre 2010 e 2013.

Chama atenção a queda drástica que se observa na quantidade de alunos do primeiro ano letivo que responderam à pesquisa em relação à quantidade de alunos que está no sexto ano letivo. Isso pode indicar que os estudantes que chegaram há menos tempo na Bolívia tiveram mais acesso à pesquisa do que os estudantes que já estão lá há mais tempo ou que existe, de fato, uma taxa significativa de desistência, como a maior parte das pessoas que entrevistei ressaltou. Além delas, a senhora Maria<sup>6</sup>, representante de uma universidade boliviana aqui no Brasil, informa que isso aconteceria primordialmente por dois motivos: financeiro e/ou dificuldade em acompanhar o curso, já que segundo ela muitos se deslumbram e se esquecem dos estudos.

---

<sup>6</sup> Nome fictício adotado para proteger a identidade da pessoa entrevistada.



Em que ano você chegou à Bolívia	Freq.	%
Não resposta	7	1,1%
1998	1	0,2%
2000	1	0,2%
2005	4	0,6%
2006	5	0,8%
2007	21	3,4%
2008	62	10,1%
2009	64	10,4%
2010	173	28,1%
2011	189	30,7%
2012	88	14,3%
2013	1	0,2%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 4 - Percentual de estudantes por ano de chegada à Bolívia.**

A próxima variável diz respeito à cidade boliviana onde moram os estudantes brasileiros. Pelo fato de o censo ter sido divulgado nos perfis do *Facebook* dos consulados brasileiros localizados em Cobiha, Cochabamba e Santa Cruz de La Sierra, não é surpresa que esses três locais tenham sido as únicas respostas citadas. Vale ressaltar que todos os estudantes com quem conversei optaram por viver em Santa Cruz de La Sierra, por motivos que serão expostos adiante.

Cidade em que vive na Bolívia	Freq.	%
Não resposta	9	1,5%
Cobija	1	0,2%
Cochabamba	281	45,6%
Santa Cruz de La Sierra	325	52,8%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 5 - Percentual de estudantes nas cidades bolivianas.**

A importância das redes sociais, constituídas por conhecidos, amigos ou familiares (HERNAN, 2006), sempre apareceu, nos discursos dos estudantes que entrevistei, como ponto chave para explicar o fluxo e para justificar a escolha dos estudantes pela Bolívia e por Santa Cruz. A parte quantitativa do trabalho, obtida por

meio do censo virtual e pensada para enriquecer as análises qualitativas, comprova a tese de que são as redes sociais as maiores responsáveis por incluir o fluxo para a Bolívia dentro do campo de possibilidades desses estudantes, que passam a vê-lo como um projeto possível e desejado (VELHO, 1994). As tabelas abaixo deixam clara a congruência das informações obtidas através da parte qualitativa e quantitativa da pesquisa.

Primeiro, os estudantes foram indagados acerca de como tomaram conhecimento da oportunidade de estudar na Bolívia. Para essa questão foram criadas categorias que não incluíam a opção amigos, conhecidos ou familiares, que seriam as redes sociais acima citadas. Como se vê, 71,8% responderam “Outros” a essa pergunta. Para a categoria “Outros” foi deixado um espaço aberto, para que escrevessem livremente. Em seguida as respostas foram padronizadas. Como se percebe a maior parte das respostas da categoria “Outros” inclui amigos, conhecidos e familiares e ainda uma outra possibilidade que está descrita como “retornados” (FAZITO, 2010), cuja a importância será discutida mais a fundo na próxima seção. A Internet também é uma das categorias mais citadas.

Como você tomou conhecimento das oport_1	Freq.	%
curso pré-vestibular	12	1,9%
escola	81	13,1%
feira de recrutamento de alunos promovida por universidades ou outras instituições	4	0,6%
imprensa	64	10,4%
Outros	442	71,8%
Professores do Ensino Médio	13	2,1%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 6 - Percentual das respostas à questão: "Como você tomou conhecimento das oportunidades de estudo na Bolívia?".**

Se outros, qual instituição?	Freq.	%
Não resposta	390	63,3%
Amigos	130	21,1%
Amigos Doutores	1	0,2%
Amigos, Familiares, Internet	1	0,2%
Amigos, Internet	5	0,8%
Amigos, Retornados	2	0,3%
Amigos, Retornados, Médicos	1	0,2%
Boas referências	2	0,3%
Colegas	2	0,3%
Conhecidos	6	1,0%
Conhecidos, Retornados	2	0,3%
Embaixada da Bolívia no Brasil	1	0,2%
Faculdade	2	0,3%
Familiares	21	3,4%
Familiares, Retornados	1	0,2%
Fronteira, Internet	1	0,2%
Hospital	5	0,8%
interesse proprio e me informei	1	0,2%
Internet	26	4,2%
Jornal	1	0,2%
Médicos bolivianos no Brasil	1	0,2%
Médicos Retornados	1	0,2%
Procurando novas oportunidades de intercâmbios	1	0,2%
Retornados	4	0,6%
San Simon	1	0,2%
Sobradi	1	0,2%
Televisão	1	0,2%
Trabalho	1	0,2%
UCB	1	0,2%
UDABOL	1	0,2%
UNE	1	0,2%
UNICEUMA	1	0,2%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 7 - Outras formas pelas quais os estudantes tomaram conhecimento da oportunidade de estudar na Bolívia. Destaque para recorrência com que aparecem as redes sociais (amigos, conhecidos, familiares, retornados) e a Internet.**

A atuação das redes sociais também aparece no discurso de Maria, a representante de uma universidade boliviana aqui no Brasil. Segundo ela, um dado curioso é que todos os maranhenses que a procuraram escolheram ir para Cochabamba por lá já terem contatos, especialmente amigos provenientes da mesma cidade. As tabelas abaixo apresentam, respectivamente, os percentuais de estudantes por estado de origem no Brasil e por local em que pretendem exercer a profissão depois de formados.

UF de origem no Brasil	Freq.	%
Não resposta	32	5,2%
AC	37	6,0%
AL	8	1,3%
AM	18	2,9%
AP	3	0,5%
BA	63	10,2%
CE	12	1,9%
DF	9	1,5%
ES	2	0,3%
GO	39	6,3%
MA	43	7,0%
MG	45	7,3%
MS	15	2,4%
MT	54	8,8%
PA	23	3,7%
PB	4	0,6%
PE	12	1,9%
PI	4	0,6%
PR	17	2,8%
RJ	11	1,8%
RN	2	0,3%
RO	82	13,3%
RR	2	0,3%
RS	6	1,0%
SC	8	1,3%
SE	3	0,5%
SP	45	7,3%
TO	17	2,8%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 8- UF de origem dos estudantes brasileiros.**

Onde você pretende exercer sua profiss_1	Freq.	%
Não resposta	48	7,8%
Argentina	1	0,2%
Bolívia	3	0,5%
Brasil	550	89,3%
Brasil ou Itália	1	0,2%
Brasil, Bolívia, Uruguai, Paraguai ou onde me valorizem	1	0,2%
Canadá	1	0,2%
Espanha	3	0,5%
EUA	2	0,3%
EUA ou França	1	0,2%
Europa	1	0,2%
México	1	0,2%
Qualquer lugar que Deus mandar	1	0,2%
África	2	0,3%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 9- Locais onde os estudantes gostariam de exercer a profissão. Brasil é o país mais citado.**

Se no Brasil, em qual unidade da feder_1	Freq.	%
AC	34	5,5%
AL	8	1,3%
AM	35	5,7%
AP	6	1,0%
BA	57	9,3%
CE	13	2,1%
DF	5	0,8%
ES	2	0,3%
Fora do Brasil	98	15,9%
GO	32	5,2%
MA	36	5,8%
MG	35	5,7%
MS	8	1,3%
MT	44	7,1%
PA	21	3,4%
PB	3	0,5%
PE	14	2,3%
PI	4	0,6%
PR	13	2,1%
RJ	12	1,9%
RN	2	0,3%
RO	65	10,6%
RS	6	1,0%
SC	9	1,5%
SE	3	0,5%
SP	35	5,7%
TO	16	2,6%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 10 - Estados brasileiros onde os estudantes gostariam de trabalhar.**

Segundo a experiência de Maria, estudantes provenientes de Rondônia, Acre, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Paraíba e São Paulo são os que mais a procuram para acertar a matrícula na universidade boliviana que representa aqui no Brasil. Duas formas interessantes de se olhar para esses dados seriam: compará-los com os dados a respeito de em que estado pretendem trabalhar os estudantes, para verificar uma possível correlação entre local de origem e local pretendido de trabalho e uma segunda possibilidade seria comparar essas porcentagens dos estados de origem com as porcentagens da população brasileira que habita em cada um desses estados. Segundo um estudante que entrevistei, uma das razões que ele percebe que leva os estudantes a quererem fazer medicina é a falta de médicos no Brasil. Seguindo essa lógica, uma terceira possibilidade pode ser a comparação das UFs de origem dos estudantes com os estados em que mais se necessita de médicos.

Contrastando a UF de origem dos estudantes com a UF em que pretendem trabalhar depois de formados, percebe-se que a maior parte dos estudantes, de fato, prefere trabalhar em seu estado de origem, o que reforça a ideia que será discutida nos próximos capítulos, de que a condição do retorno é chave para compreender o movimento. Ainda assim, existe um pequeno número que pretende trabalhar em outros estados e fora do Brasil. O maior percentual de estudantes que pretende trabalhar fora do país vem do estado de Rondônia (9), seguido pelos estudantes de Minas Gerais (7), e Goiás (6) e DF (6). No total, 15,9% dos estudantes responderam que pretendem exercer a profissão fora do Brasil. Destes, a maior parte não respondeu em qual país pretende trabalhar, mas dos que responderam, a maioria citou Bolívia e Espanha.

Segundo os estudantes com os quais conversei, um médico recebe muito mal na Bolívia e, por isso, eles não gostariam de trabalhar lá. Por outro lado, trabalhar na Bolívia aparece como uma alternativa mais tangível, uma vez que o processo para obtenção do CRM no Brasil é extremamente complicado e muitas vezes os estudantes se formam na Bolívia e não conseguem exercer legalmente a profissão no país. A Espanha, por outro lado, aparece como uma alternativa ao Brasil e a outros países, uma vez que, segundo me contaram os estudantes, é mais flexível quanto à aceitação do diploma boliviano e oferece melhores condições de trabalho para o médico. Vale pensar que se o Brasil enrijecer os termos de volta para esses estudantes, o fenômeno de médicos brasileiros formados na Bolívia e em outros países trabalhando no exterior poderá ser bem comum.

Segundo dados do censo de 2010 disponibilizados pelo site do IBGE, a maior parte dos brasileiros reside no estado de São Paulo (21,6%). Em segundo lugar aparece o estado de Minas Gerais (10,3%), seguido pelo Rio de Janeiro (8,4%). Contrastando as porcentagens de estudantes de cada UF com os dados disponibilizados pelo site do IBGE a respeito da porcentagem da população brasileira por estado, tem-se que elas não são correspondentes. O maior número de estudantes brasileiros que está na Bolívia vem do estado de Rondônia (13,3%), seguido pela Bahia (10,2%) e pelo Mato Grosso (8,8%), estado de origem dos estudantes com que conversei. Segundo o IBGE, esses estados que mais apareceram na minha pesquisa concentram, respectivamente, 0,8%, 7,4% e 1,6% da população brasileira. O Acre, que concentra apenas 0,4% da população brasileira, sendo, portanto, um dos estados menos expressivos nessa categoria (terceiro estado menos populoso do país), é, de forma oposta, um dos mais expressivos para o caso dos estudantes brasileiros na Bolívia (6% dos estudantes, o que o coloca na 8ª

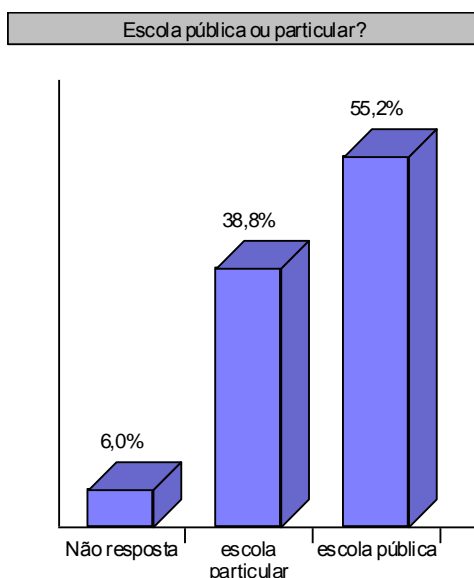
posição, logo depois de Goiás, com 6,3% dos estudantes e com 3,2% da população brasileira). Essas informações sugerem que existem outros fatores influenciando a decisão de migrar. Poderia se pensar, por exemplo, na proximidade que os estados do Mato Grosso, Rondônia e Acre possuem com a Bolívia e a existência de redes sociais consolidadas.

Abaixo, tabela com a comparação entre as porcentagens dos estados de origem dos estudantes e das porcentagens da população brasileira dividida por UFs.

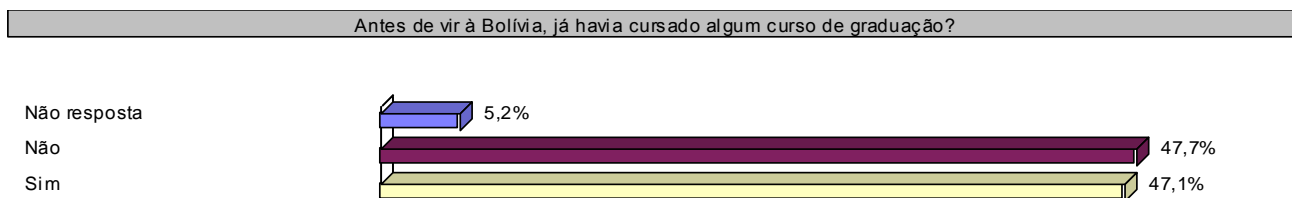
UF de origem no Brasil	Freq.	%	% população brasileira
ES	2	0,3%	1,8%
RN	2	0,3%	1,7%
RR	2	0,3%	0,2%
AP	3	0,5%	0,4%
SE	3	0,5%	1,1%
PB	4	0,6%	2,0%
PI	4	0,6%	1,6%
RS	6	1,0%	5,6%
AL	8	1,3%	1,6%
SC	8	1,3%	3,3%
DF	9	1,5%	1,4%
RJ	11	1,8%	8,4%
PE	12	1,9%	4,6%
CE	12	1,9%	4,4%
MS	15	2,4%	1,3%
PR	17	2,8%	5,5%
TO	17	2,8%	0,7%
AM	18	2,9%	1,8%
PA	23	3,7%	4,0%
AC	37	6,0%	0,4%
GO	39	6,3%	3,2%
MA	43	7,0%	3,5%
MG	45	7,3%	10,3%
SP	45	7,3%	21,6%
MT	54	8,8%	1,6%
BA	63	10,2%	7,4%
RO	82	13,3%	0,8%
Não resposta	32	5,2%	

**Tabela 11 - Porcentagens de estudantes brasileiros na Bolívia por UF x porcentagem da população brasileira dividida por estado.**

Abaixo o gráfico com a percentagem de estudantes provenientes de escolas públicas ou privadas no Brasil. Mais da metade declara ter vindo de escola pública, o que parece coerente com os dados acerca da renda das famílias. Deve-se levar em conta, no entanto, que a qualidade do ensino nas instituições privadas também varia e que existem desigualdades regionais no Brasil que aparecem no mundo escolar. Um bom exemplo dessa desigualdade é o fato de apenas um acreano estar cursando medicina na Universidade Federal do Acre, segundo contou-me o Sr. Marcelo. Isso quer dizer que a qualidade do ensino no Acre é inferior à qualidade do ensino em outras regiões do país, como sul e sudeste, uma vez que os próprios acreanos não conseguem passar no vestibular em seu estado e que as vagas acabam sendo preenchidas por estudantes oriundos de outros estados.



**Figura 2 - Gráfico com percentual de estudantes brasileiros provenientes de escolas públicas e particulares no Brasil, antes de irem para a Bolívia cursar a graduação.**



**Figura 3 - Gráfico com percentual de estudantes que já tinham cursado outra graduação antes de irem para a Bolívia estudar.**



Diante da informação de que quase 50% dos estudantes brasileiros já haviam cursado outra graduação antes de irem para a Bolívia, é pertinente dizer que nem todos concluíram os cursos que iniciaram, uma vez que a maioria ainda é bem jovem. Além disso, é interessante notar que dos 43,8% que informaram o curso que faziam ou fizeram no Brasil, a maior parte deles (23,9%) afirma ter cursado graduação na área da saúde, a exemplo do curso de enfermagem e fisioterapia.

Uma das preocupações dessa pesquisa, e a razão pela qual o censo foi pensado, é a de conhecer o perfil deste grupo de estudantes. Por isso, saber se eles estão inseridos no mundo do trabalho, além do universo universitário, é essencial para a sua caracterização e diferenciação frente ao grupo de trabalhadores brasileiros na Bolívia.

Como imaginado, a maior parte dos estudantes brasileiros que está na Bolívia não trabalha. Segundo aqueles que entrevistei, é muito difícil um estudante de medicina – curso da maior parte deles – na Bolívia conseguir conciliar um emprego, especialmente num cargo que lhe exija os dois períodos, com a faculdade, pois eles têm aulas o dia inteiro, muitas vezes até de noite e nos finais de semana e porque possuem alta carga de estudos. Um cargo que pode ser acumulado é normalmente um que exija pouco tempo de dedicação, como o de *promoter* de festas. Isso pode explicar também o baixo rendimento daqueles que declararam ter um emprego: mais de 1 a 2 salários mínimos (tabela 14). A tabela 15 apresenta o rendimento das famílias dos estudantes, que compreendem as pessoas que moravam com eles no Brasil. A maior parte das famílias ganha até cinco salários mínimos.

Possui renda?	Freq.	%
Não resposta	29	4,7%
Não	440	71,4%
Sim	147	23,9%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 13 - Percentual dos estudantes brasileiros que possuem renda própria. Esse dado foi compreendido como a porcentagem de estudantes brasileiros que trabalha na Bolívia.**

<b>Se possuir renda, informar rendimento</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Não resposta	398	64,6%
Até meio salário mínimo	26	4,2%
Mais de meio a um salário mínimo	22	3,6%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	100	16,2%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	46	7,5%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	17	2,8%
Mais de 5 salários mínimos	7	1,1%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100,0%</b>

**Tabela 14 - Rendimento dos estudantes que afirmaram possuir renda própria. A base dada foi a do salário mínimo, de R\$622.**

<b>Se não possuir renda, informe a renda da sua família</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Não resposta	131	21,3%
Até meio salário mínimo	2	0,3%
Mais de meio a um salário mínimo	11	1,8%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	71	11,5%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	96	15,6%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	140	22,7%
Mais de 5 salários mínimos	165	26,8%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100,0%</b>

**Tabela 15 - Para os estudantes que afirmaram não possuir renda, foi perguntado qual é a renda da família, que compreende aqueles que moravam com o estudante em sua casa no Brasil. A base dada foi a do salário mínimo, de R\$622.**

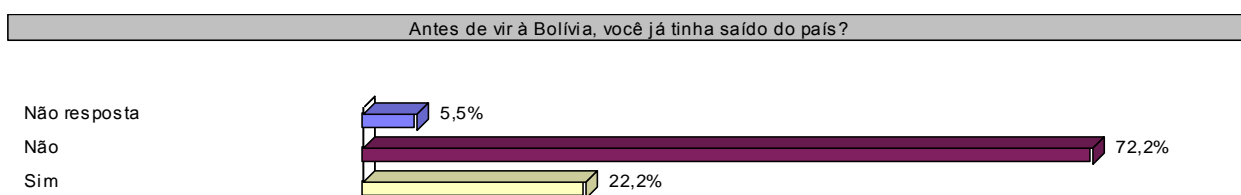
As tabelas abaixo tratam do nível de escolaridade dos pais dos estudantes. Como se vê, é maior a quantidade de mães do que de pais que terminaram o ensino superior e que possuem pós-graduações. Mesmo assim, se pensarmos na formação que esses estudantes estão obtendo na Bolívia, podemos imaginar que só o fato de estarem cursando a graduação já os coloca num patamar educacional superior ao dos seus pais, pois a maioria possui escolaridade inferior ao nível de graduação.

Nível de escolaridade da sua mãe	Freq.	%
Não resposta	25	4,1%
Analfabeta	11	1,8%
Ensino fundamental completo	36	5,8%
Ensino fundamental incompleto	78	12,7%
Ensino médio completo	155	25,2%
Ensino médio incompleto	46	7,5%
Ensino superior completo	121	19,6%
Ensino superior incompleto	39	6,3%
Não sabe informar	4	0,6%
Pós-graduações	101	16,4%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 16 - Nível de escolaridade da mãe dos estudantes.**

Nível de escolaridade do seu pai	Freq.	%
Não resposta	26	4,2%
Analfabeto	15	2,4%
Ensino fundamental completo	58	9,4%
Ensino fundamental incompleto	103	16,7%
Ensino médio completo	166	26,9%
Ensino médio incompleto	47	7,6%
Ensino superior completo	78	12,7%
Ensino superior incompleto	30	4,9%
Não sabe informar	22	3,6%
Pós-graduações	71	11,5%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

**Tabela 17 - Nível de escolaridade do pai dos estudantes.**

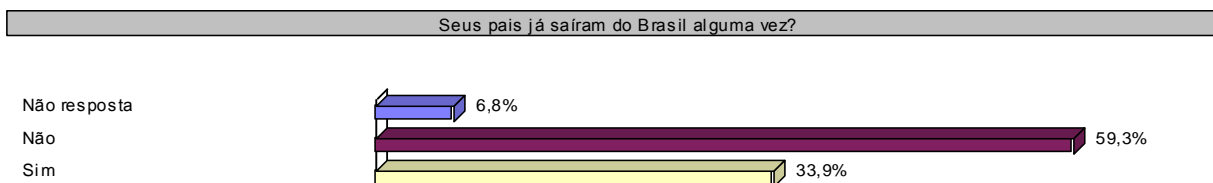


**Figura 4 - Gráfico com o percentual de estudantes que já havia saído do Brasil antes de ir para a Bolívia estudar.**

E com que motivo?	Freq.	%
Não resposta	454	73,7%
Estudo	43	7,0%
Estudo, Migração Familiar, Trabalho	1	0,2%
Familiar	1	0,2%
Migração familiar	8	1,3%
Missões	1	0,2%
Muambeiro	1	0,2%
Serviço Militar	1	0,2%
Trabalho	13	2,1%
Turismo	93	15,1%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>616</b>	<b>100%</b>

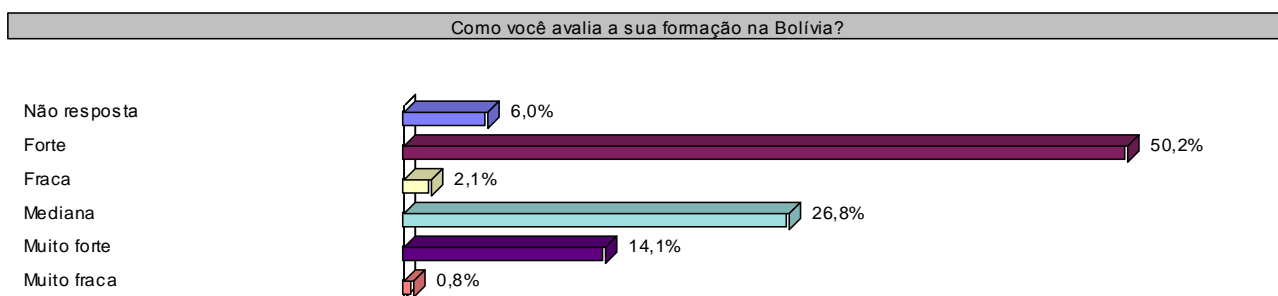
**Tabela 18 - Motivos que levaram os estudantes a saírem do país, antes de irem à Bolívia para estudar.**

De acordo com as duas tabelas acima (17 e 18), dos estudantes que afirmaram já ter saído do Brasil antes de ter ido à Bolívia para cursar a graduação, a maioria não declarou qual o motivo da viagem e a maior parte dos que declararam a razão do fluxo afirmaram terem o feito a turismo. A segunda resposta mais citada foi por motivo de estudo. A maior parte dos pais dos estudantes nunca saiu do Brasil e alguns saíram apenas para ir à Bolívia ajudar os filhos a se instalarem ou a turismo. E das famílias que já migraram (39,3%), a maioria o fez por motivos de trabalho.



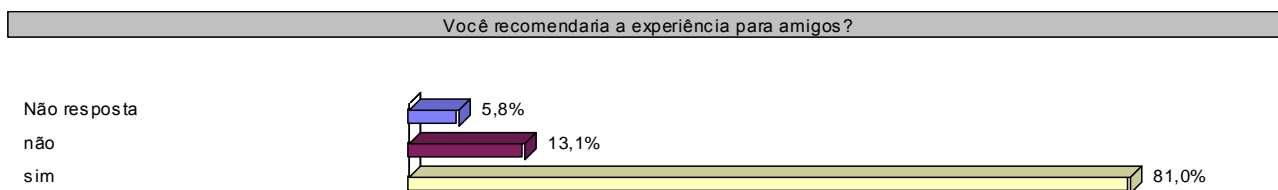
**Figura 5 - Gráfico com o percentual de pais dos estudantes que já saíram do país.**

O gráfico abaixo mostra a avaliação que os estudantes brasileiros fizeram do estudo que estão obtendo na Bolívia. Como se vê, a maior parte deles avalia de forma muito positiva o ensino recebido.



**Figura 6- Gráfico com os percentuais referentes à avaliação dos estudantes quanto à formação que estão recebendo na Bolívia.**

O gráfico abaixo mostra que a maior parte dos estudantes, 499 dos 616 estudantes, recomendaria a experiência na Bolívia a amigos no Brasil. Vale dizer que por experiência entende-se não apenas o estudo, mas um conjunto de vivências que abarca outras esferas da vida desses estudantes no país vizinho. O fato de a maior parte dos estudantes afirmarem que recomendariam a experiência de estudar na Bolívia para amigos significa que pode haver uma influência forte para que mais estudantes brasileiros decidam se mudar.



**Figura 7 - Gráfico referente aos percentuais de estudantes que recomendariam e que não recomendariam a experiência que estão tendo na Bolívia para amigos no Brasil.**

Haja vista os dados apresentados, observa-se que a maioria dos brasileiros que estuda na Bolívia cursa medicina (95,5%), é jovem, tendo entre 18 e 24 anos, e que homens e mulheres estão quase igualmente representados. A cidade que abriga o maior número de brasileiros é Santa Cruz de La Sierra, com a ressalva de que apenas três cidades foram incluídas no escopo do censo virtual, o que explica La Paz, por exemplo, não ter aparecido como resposta à questão sobre a cidade onde vivem na Bolívia. Constatou-se a importância das redes sociais para incentivo ao fluxo, o que será tratado com mais vagar no próximo capítulo, e as desigualdades regionais de educação que, juntamente com o fator da proximidade geográfica, poderiam explicar o grande

contingente de brasileiros originários de estados que não se encontram tão bem representados no Brasil em termos populacionais, a exemplo do Acre.

Foi visto também que a metade dos estudantes já havia cursado outra graduação no Brasil, concluída ou não, antes de ir para a Bolívia, e que mais da metade dos cursos era da área da saúde. Os cursos citados aparecerão mais adiante nos discursos dos meus entrevistados como cursos inferiores frente à medicina, detentora de mais *status* em nossa sociedade. A maior parte dos pais dos estudantes possui nível educacional abaixo do nível de graduação, o que, por sua vez, também justifica o projeto dos estudantes de se graduarem em medicina via Bolívia como estratégia individual e familiar de ascensão social, dado que corrobora as informações obtidas por meio das entrevistas. O valor da educação e da medicina como forma de melhorar de vida será explorado no capítulo que se segue.

Nota-se ainda que a maior parte só deixou o país para ir estudar na Bolívia e não tem histórico de migração familiar, o que sugere, como será explorado mais adiante, que a ida para a Bolívia se justifica por um projeto bem específico e que é, sobretudo, educacional, haja vista o baixo percentual de estudantes que trabalham na Bolívia (23,9%). Assim, sair do país é visto por eles como algo pontual em suas vidas, o que é reforçado pelo dado sobre os locais pretendidos de trabalho que, em mais de 85% dos casos, não envolve trabalhar fora do Brasil, mas voltar à terra natal. A condição do retorno será discutida no terceiro capítulo.

Por fim, viu-se que a maior parte dos estudantes considera o ensino que está obtendo na Bolívia como forte ou muito forte e 81% recomendaria a experiência a amigos. Esse dado pode ser interpretado como discurso legitimador do projeto que escolheram para si e também como explicação para o fortalecimento do fluxo, que se dá, em grande parte, graças às redes sociais, como será discutido a seguir.

## Capítulo 2: Sobre projetos de vida

Após inúmeras conversas com os estudantes provenientes de Nova Xavantina, percebi que a ida para a Bolívia não poderia ser compreendida sem que se pensasse sobre o “sonho de ser médico”. Entendi que é a graduação em medicina o que se busca alcançar, o que quer dizer que o projeto que faz com que esses estudantes se encontrem hoje na Bolívia é um projeto comum educacional, diferentemente do que normalmente se vê na literatura sobre migração, que trata, sobretudo, de fluxos laborais.

O conceito de projeto que será utilizado nesse trabalho é o cunhado por Gilberto Velho (1994). Segundo esse autor, o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros autores, indivíduos ou coletivos, ele é meio de comunicação; maneira de expressar e articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo; ele resulta de uma deliberação consciente a partir do campo de possibilidades (circunstâncias) em que está inserido o sujeito, o que implica reconhecer limitações e constrangimentos (VELHO, 1994, p. 103). Nesse sentido, pode-se entender que o contexto xavantinense, discutido a seguir, gerou para esses estudantes certos constrangimentos que os impediram de cursar a graduação desejada e que, ao contrário, a Bolívia ampliou os seus campos de possibilidades, já que oferece condições acessíveis para que esses estudantes conduzam seus estudos. O projeto de ser médico não foi abandonado por eles que, ao invés disso, ampliaram seus leques de possibilidades para torná-lo exequível. A seção 2.1 discutirá a importância das redes sociais nesse processo de expansão do campo de possibilidades dos estudantes. Velho afirma ainda que o indivíduo pode ter mais de um projeto, mas em geral existe um projeto que é central (ex.: virar médico).

A viabilidade dos projetos vai depender, diz Velho, do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (VELHO, 1994, p. 47). A esse respeito, é crucial mencionar que as famílias, especialmente os pais, têm papel central na viabilização desse projeto educacional que buscam os estudantes brasileiros. São eles que, juntamente com os filhos, buscam as informações e as pessoas que podem ajudar a se instalar na Bolívia e, o mais importante, são eles que dão o suporte emocional e financeiro sem os quais os estudantes não conseguiriam realizar o projeto. Vale ressaltar que, assim como as pessoas, os projetos mudam e também as pessoas mudam através de seus projetos, ao longo do tempo e de acordo com os contextos.

No que tange a essa questão, vale comentar *en passant* o caso de uma estudante que, ao chegar à Bolívia, afirmou ter conhecido o potencial comercial do país - “lá [na Bolívia] é você montar qualquer coisa na esquina que dá dinheiro”- e que, após tal descoberta, decidiu investir em um negócio seu, conciliando o projeto de ser médica com o de comerciante. Algumas vezes, diz Velho, o projeto familiar pode entrar em conflito com o projeto individual, na medida em que as pessoas o vivenciam de formas diferentes. Essa afirmação é particularmente verdade quando se pensa no caso dos estudantes brasileiros na Bolívia, pois apesar de estarem vivendo um projeto familiar, fazem-no de uma forma mais solitária, tendo em vista o fato de que apenas eles se mudam de país.

Velho fala do projeto de uma família portuguesa que emigrou para os EUA para melhorar suas condições de vida e da jovem Catarina, pertencente a essa família, que começou a ter um comportamento diferente do esperado, vivenciando de uma forma distinta o valor de liberdade norte-americano. O projeto era coletivo, da família; no entanto, ele era vivido de formas diferentes pelos pais da jovem e por ela mesma. O que o autor pretende com esse exemplo etnográfico é dizer que, embora possam existir projetos coletivos e, especialmente no caso de contextos migratórios, eles são muito comuns, eles são vividos de formas diferentes, de acordo com gênero, geração, *status*, trajetória, origem regional. No caso de Catarina, a variável geracional pode vir a trazer descontinuidade do projeto familiar, na medida em que a jovem vive o projeto de uma outra maneira, dando a ele outra interpretação e cria para si um projeto seu, individual, que pode entrar em conflito com o projeto da família.

O autor diz ainda que a consistência do projeto depende da memória, que fornece a consciência do passado, e das circunstâncias do presente, o que permite a elaboração de projetos (VELHO, 1994, p. 101). O projeto e a memória se associam e se articulam ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, ou seja, à própria identidade. Memória (retrospectiva) e projeto (perspectiva) ordenam e dão significado às trajetórias de vida das pessoas (VELHO, 1994, p. 102).

Nesse sentido, pode-se especular em que medida estudar medicina é um projeto individual e familiar – vivenciado de forma diferente pelo estudante que vive na Bolívia e pela sua família que fica no Brasil. Como argumentou Velho (1994), existe sempre um projeto que é central e os demais, que são menores. Nesse sentido, pode-se compreender o projeto de se tornar médico como aquele que é central na vida dos



estudantes brasileiros que, por sua vez, articula-se com o projeto de ir para a Bolívia, do qual depende.

Na primeira seção desse capítulo discutirei o contexto da cidade de Nova Xavantina e falarei brevemente do grupo com o qual conversei para a construção da etnografia. Na segunda seção, discorrerei acerca da importância das redes sociais para a constituição do projeto dos estudantes, trazendo alguns discursos que falam da trajetória que os levou à Bolívia. Na terceira seção, trarei exemplos de projetos migratórios da literatura antropológica sobre migração, contrastando-os com o caso em estudo e trazendo à tona o valor da educação como ponto chave para a sua compreensão. Na quarta e última seção, buscarei algumas pistas que podem ajudar a explicar a razão pela qual o projeto de ser médico pertence a uma grande coletividade (brasileira).

## **2.1 – O grupo de Nova Xavantina e o contexto Xavantinense**

Neste primeiro tópico do capítulo 2 serão expostos alguns dados coletados a partir de entrevistas e conversas informais realizadas com oito estudantes na cidade de Nova Xavantina.

A cidade, localizada a leste no estado de Mato Grosso, é pequena, contando com uma população estimada em apenas 17 mil habitantes e com o problema, que não lhe é exclusivo, da falta de médicos para atender adequadamente à sua população. No Brasil, a média de médicos é de 1,5 médicos/1000 habitantes. Na imensa maioria dos municípios, a quantidade de médicos disponíveis é considerada baixa (menos de 2,5 médicos/1.000 hab.) pelos critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS). Na cidade de Nova Xavantina, esse número é considerado muito baixo, não passando de 0,46 médicos/1000 habitantes<sup>7</sup>.

A má distribuição de médicos, como disse o Sr. Marcelo, advém do fato de que a maior parte dos estudantes de medicina no Brasil é proveniente do centro-sul, uma vez que essas regiões são as que abrigam as melhores instituições escolares, capazes de preparar bem os seus alunos para o vestibular. A discrepância é tamanha a ponto de, na Universidade Federal do Acre, só estudar um acreano. A consequência disso é que, findo o curso de medicina, esses estudantes, já médicos, voltarão para os seus estados de origem ou se instalarão em regiões mais atrativas e deixarão o estado do Acre desamparado. Corroboram essa perspectiva os dados apresentados no capítulo 1: a

---

<sup>7</sup> Fonte: <http://oglobo.globo.com/infograficos/medicos-municipios/>, acessado em 15 de janeiro de 2013.

maior parte dos estudantes planeja voltar para o seu estado de origem para trabalhar. No estado de Mato Grosso e na cidade de Nova Xavantina a realidade educacional não é diferente. Má formação escolar faz com que os estudantes mato grossenses não consigam aprovação no vestibular e que também em virtude das caras mensalidades de universidades privadas não consigam cursar medicina. Esse contexto foi trazido à tona pelos estudantes com quem conversei. Bem, passemos a falar desse grupo.

As pessoas que tornaram esse trabalho possível são jovens que têm entre 17 e 23 anos, são estudantes que, em sua maioria, eram ainda recém-formados no ensino médio quando decidiram se mudar para Santa Cruz de la Sierra. Declaram ter sempre tido o sonho de se tornarem médicos, desde pequenos, sonho esse que não era viável em terras brasileiras. Alguns deles chegaram a tentar o vestibular aqui no Brasil na área da saúde (curso de enfermagem) e apesar da aprovação decidiram arrumar suas coisas e partir para o país vizinho. Como uma estudante me contou: “eu não vou ficar batendo cabeça em outro curso que eu sei que eu não quero, né?”.

O sonho de se tornar médico, encorajado pela maioria dos familiares, só seria possível aqui no Brasil, segundo me contaram, se eles tivessem tido uma educação de melhor qualidade que os possibilitasse aprovação no vestibular para medicina, curso que está entre os mais concorridos do país<sup>8</sup>, ou caso tivessem condições financeiras acima da média para custearem o curso de medicina em universidades particulares (valores que, no Brasil, variam de R\$2500 a R\$6000 por mês<sup>9</sup>). É então que a Bolívia, assim como outros países sul-americanos e Cuba aparecem como a solução. A escolha pela Bolívia e por Santa Cruz de la Sierra aparece como natural em seus discursos, uma vez que eles já possuíam extensa rede de conhecidos naquela cidade, capazes de lhe fornecerem o suporte prático e emocional de que tanto se necessita no começo de uma aventura como essa.

Santa Cruz é uma cidade grande e que, de acordo com eles, oferece vastas opções de lazer, tem clima parecido com o de Mato Grosso, com o qual estavam acostumados, e o mais importante: possui universidades particulares com boa infraestrutura e mensalidades acessíveis. Tudo isso os motivou na hora da decisão para a qual, no entanto, pesou o fator das redes sociais, que se irá discutir mais adiante.

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=MCM0O6zPPQc>, acessado em 15 de janeiro de 2013. Segundo essa reportagem, o Brasil é o segundo país que mais oferece vagas em cursos de medicina. Entretanto, vê-se que a demanda, tanto aquela gerada por uma espécie de interesse generalizado pela profissão de médico quanto aquela gerada pela própria sociedade brasileira, que carece desses profissionais, não parece ainda ter sido satisfeita (4).

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=MCM0O6zPPQc>, acessado em 15 de janeiro de 2013.

L.<sup>10</sup> é filha de um comerciante conhecido na cidade de N.X. e sempre gostou da área da saúde, em especial da medicina, visando uma especialização em cirurgia plástica. Segundo ela:

[a decisão de mudar pra lá] foi mais ou menos assim: eu tinha passado no vestibular em São Paulo só que não era o que eu queria, eu queria medicina, sempre alguma coisa na área da saúde, e aí que surgiu que meu pai falou ‘aí tem uma faculdade lá, a Católica, muito boa e não sei o quê, vamo pra lá! [Bolívia]’. Aí eu falei: ‘ah, vamo lá conhecer!’ Nisso eu já tinha matriculado na outra faculdade e tudo, no outro curso. Aí eu falei, ‘vamo’. Aí eu fui lá, gostei da faculdade, gostei da cidade, aí eu falei: ‘não, pai, eu vou ficar aqui, aqui é o que eu quero fazer e eu não vou ficar batendo cabeça em outro curso que eu sei que eu não quero, né?’ Foi mais ou menos assim.

Mas por que esses estudantes escolheram a Bolívia? A resposta para essa pergunta foi consenso entre os estudantes e suas famílias: não há a necessidade de fazer vestibular para entrar na faculdade e o custo de vida e dos estudos é muito inferior ao do Brasil. L. diz:

[a escolha de ir para Santa Cruz estudar medicina] foi uma questão de um acesso mais fácil, que lá não precisa de vestibular né, eu não ia ter que ficar fazendo cursinho por muito tempo e não ia ter que fazer uma prova pra tentar passar, ou seja, eu tinha já um acesso pra entrar na faculdade de primeira e eu não ia ficar esperando, entendeu? Um vestibular, um resultado, lá só matriculo e entro na faculdade (...).

A. complementa a resposta, ressaltando a diferença entre o custo de se cursar uma faculdade de medicina no Brasil e os valores praticados na Bolívia:

Bom, eu fui pra lá por causa das condições mesmo né, porque aqui é bem mais caro o curso de medicina aqui no Brasil e lá [na Bolívia] já oferecem pra gente bem mais barato, no caso eu pago o semestre todinho quinhentos e dez dólares, todo semestre (...) e [por conta de] a vontade também que eu tinha de fazer medicina (...).

Esses estudantes são movidos por algo que chamam de o “sonho de ser médico” e motivados pelas facilidades que a Bolívia e que Santa Cruz possuem. No entanto, há de se compreender quais os caminhos que os levam ao país vizinho, isto é, como esse projeto de cursar medicina na Bolívia *de repente* se tornou o projeto comum de quase

---

<sup>10</sup> Os estudantes serão referidos aqui apenas por uma letra, de forma a preservar suas identidades.

10 mil brasileiros. Por isso, a seção seguinte abordará as redes sociais como fator crucial para a decisão de migrar. Faz-se imperativa também a compreensão do fenômeno para além de suas razões pragmáticas e proferidas. Para tanto, serão discutidos nas últimas seções do capítulo o valor atribuído à educação formal superior, em que se entende o fluxo enquanto projeto educacional, e o valor da própria medicina, que está no cerne do projeto construído por essas pessoas.

## **2.2 – A construção do projeto migratório: a importância das redes sociais**

Os constrangimentos impostos pelo contexto de origem dos estudantes que entrevistei, como já discutido, envolvem uma educação de baixa qualidade, que torna impossível o seu ingresso no curso de medicina em instituições públicas de ensino superior e, ao mesmo tempo, os altíssimos preços praticados pelas instituições particulares. No entanto, essas circunstâncias mudam quando esses estudantes tomam conhecimento da alternativa de estudar medicina na Bolívia, o que amplia seu campo de possibilidades. Isso nos conduz à centralidade que as redes sociais têm na constituição do projeto desses estudantes.

Apenas as facilidades de ingresso na universidade e de vida na Bolívia não teriam bastado para que os estudantes realizassem a escolha de lá estudar medicina. Um fator crucial, estudado por Fazito (2010) e Hernan (2006) é a força das redes sociais no incentivo ao fluxo e na consolidação das redes migratórias. Para Hernan (2006), as redes sociais são importantes porque dão apoio ao migrante no local de origem e no local de destino, isto é, fazem com que os custos e os riscos da migração diminuam, encorajando mais pessoas a migrar. São especialmente os parentes e amigos aqueles que se mobilizam para que a migração aconteça e que se encarregam de ajudar os novos migrantes a se integrarem à localidade de destino. A autora cita o exemplo da migração que ocorreu no século XIX em direção aos EUA, que foi muito encorajada pelas histórias de sucesso que os imigrantes bem-sucedidos mandavam para sua terra natal por meio de cartas e visitas. Segundo consta no texto de Hernan, Price (PRICE, 1963, *apud* HERNAN, 2006) desenvolveu a noção de “cadeia migratória” e a estabeleceu como um conceito analítico a partir da constatação de que as redes sociais eram, de fato, influência primordial para os migrantes e fluxos migratórios.

A esse respeito, M., uma das primeiras estudantes com que conversei, confessou-me que:

Na verdade, eu não ia, mas assim, eu sempre ouvia falar da Bolívia, do ensino lá. Porque tem muita gente do Billy Gancho [única escola particular de ensino médio da cidade de Nova Xavantina] que foi e tá lá, muita gente mesmo! Aqui de Xavantina, então... Xavantina em peso! Aí o J., da minha sala, sempre quis medicina, aí ele começou a conversar comigo, porque eu queria na área da saúde, aí ele falou ‘ah, vamo fazer medicina lá’ e eu falei ‘ah, não sei’. Aí a irmã do L. [também da sala dela na escola] tava aqui, a A., aí eu fui conversar com ela. Na verdade, ele [o J.] falou: ‘ah, M., me leva que eu quero conversar com ela’. Aí toda vez que a gente ia lá, ele vinha aqui me buscar e tal, aí ele começou a me encher o saco ‘ah, vamo, vamo!’ e eu comecei a gostar da ideia, aí eu falei ‘ah, tá’. Aí eu conversei com os meus pais e eles falaram ‘ah, você pode tentar e aí se não der certo você volta’. Aí eu falei ‘ah, tudo bem’. Aí eu fui e vi que dava certo.

Da fala de M. pode-se deduzir que o projeto se constrói pela interlocução, pois a partir do caso dela, entendemos que o desejo pelo projeto não era intrínseco, mas foi sendo construído, na medida em que se constitui de prática comum no ambiente dela e que, por isso, passa a fazer parte do seu campo de possibilidades. Depois de todo esse processo de “convencimento” pelo qual passou M., ela acrescentou que já tinha ouvido falar muito bem do ensino de lá, mas que não teria ido se não tivesse já um amigo morando lá na Bolívia:

[...] já tinham me falado já que o ensino era bom, o ensino assim é realmente muito bom [...] aí por meu amigo ter ido né, ajudou também, porque eu não iria assim sozinha logo de cara.

Vê-se, assim, o quão importante é o acionamento dessas redes sociais para que o fluxo se concretize. Elas influenciam na decisão de migrar e facilitam a instalação no local de destino e, em alguma medida, influenciam e redimensionam projetos futuros. No discurso de A., ela conta da ajuda que recebeu de conhecidos e amigos para se instalar:

(...) olha, cheguei lá, foi fácil, paguei a faculdade, não tem vestibular nada disso e comecei a morar com ele [H.] e foi mais fácil, eles me ajudaram em tudo, tudo mesmo....a língua foi um pouco complicado, não é nem pela língua, é porque eles falam muito rápido, aí eles me ajudaram nisso, eles foram comigo na hora de pagar a faculdade, foram fazer a matrícula, tal, normal...aí depois de umas duas semanas eu já tava acostumada, entendia tudo e já fui me virando sozinha (...).

A. diz ainda que reproduziu esse modelo de ajuda aos recém-chegados, como se constata:

Ajudei, dei dicas, a M. e o J. ficaram lá em casa, paguei a faculdade pra eles, a mesma coisa que o H. fez comigo eu fiz com eles, aí nisso eu ajudei. O E., meu namorado, ainda tentou achar um lugar pra eles morarem, só que eles não gostaram e acabaram indo morar com a R., que é mulher do H., que é embaixo do meu apartamento, e eles ficaram morando lá.

Fazito (2010) foca sua análise no poder dos retornados de reforçar as redes sociais existentes e consolidar decisivamente o sistema de migração. Segundo o autor:

Os retornados (tanto quanto os arranjos familiares) ocupam posições estruturais fundamentais para a organização e a sustentação dos sistemas de migração, em especial, posições estruturais de intermediação dos fluxos entre origem e destino.

Os retornados, no caso do estudo do fluxo de estudantes brasileiros para a Bolívia, não são empresários bem sucedidos, como no exemplo que Fazito (2010) dá do caso de Governador Valadares, mas sim médicos bem sucedidos e que conseguem exercer legalmente a profissão no país. Todos os estudantes com que conversei afirmaram conhecer médicos formados na Bolívia e que hoje, nas palavras deles, estão “bem”, embora muitas vezes eles não conseguissem me explicar claramente o processo pelo qual esses estudantes retornados, hoje médicos, passaram para obter o CRM brasileiro e nem exatamente onde estão trabalhando. Isso me sugere que só o fato de terem conhecimento desses retornados existirem já é o suficiente para que acreditem na viabilidade do empreendimento, que é frequentemente questionada pelo fato de poucas pessoas serem aprovadas na prova de revalidação dos diplomas.

Segundo dados do Revalida<sup>11</sup> de 2011, cerca de apenas 5% dos formados na Bolívia conseguiram passar na prova para obtenção do CRM brasileiro. Os estudantes

---

<sup>11</sup> Segundo o site do Ministério da Educação, o Revalida é um instrumento que subsidia as universidades públicas no processo de revalidação de diplomas de estudantes formados em medicina no exterior. “Foi publicada no dia 18 de março de 2011 Portaria Interministerial que institui o Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos expedidos por universidades estrangeiras (Revalida). O exame será aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em colaboração com a subcomissão de revalidação de diplomas médicos, da qual participam representantes dos ministérios da Saúde, Educação e Relações Exteriores e da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais do Ensino Superior (Andifes), além do Inep. Atualmente, os alunos formados em universidades de outros países precisam revalidar seus diplomas em alguma instituição pública de ensino superior. O processo, porém, é moroso e não padronizado, já que cada instituição adota um procedimento próprio. A expectativa é de que, com o exame nacional, o processo seja unificado, com critérios técnicos e conceituais claros, podendo ser realizado num intervalo de seis meses a um ano.”.

com quem conversei me disseram que consideram essa prova injusta, uma vez que ela cobra conhecimentos em nível de especialista e não apenas de clínico geral e que, por essa razão, nem mesmo os estudantes brasileiros conseguiriam ser aprovados, caso fossem submetidos a ela. Apesar de toda a dificuldade que os recém-formados na Bolívia enfrentam para a obtenção do CRM brasileiro, todos os estudantes que entrevistei afirmam já conhecerem alguém já formado na Bolívia e que, hoje, estaria trabalhando no Brasil.

Acredito que o fato de eles sempre me dizerem que conhecem médicos bons formados na Bolívia advenha da necessidade de legitimar o projeto. Não se deve considerar, entretanto, que o projeto seja algo apenas ao nível do discurso, isto é, ele, *de fato*, torna possível o sonho de ser médico, caminho que leva a uma posição social melhor na sociedade brasileira. Não se deve ignorar a existência de dados positivos acerca do número de pessoas que recomenda a experiência a amigos e do elevado número de estudantes que decide ir para a Bolívia estudar medicina todos os anos, como me contou a Sra. Maria. Seria precipitado, portanto, afirmar que o fluxo em questão *não tem sentido* quando existem dados que apontam que ele realiza o sonho dessas pessoas e que continua cativando, todos os anos, novos estudantes.

À pergunta “você conhecia alguém que já tinha ido estudar na Bolívia e que voltou?”, A. respondeu:

Já, já conhecia! O Doutor M., assim, não conhecia, eu tinha uma ligação só com ele, ele foi, se formou lá, voltou, e pelo que eu sei, eu não sei assim direito, ele fez uma prova aqui e passou nessa prova, né? Pra conseguir o CRM aqui, aí eu falei, ‘ah, então dá certo, né? Então, eu vou!’.

Da mesma forma, e pelas referências dessa mesma pessoa – o Doutor M. – é que E., o namorado de A., certificou-se de que a ida para a Bolívia seria um bom projeto a ser seguido:

[...] conversei com o Dr. M., que fez medicina aqui e comentou coisas positivas daqui. [...] Já não tenho mais contato, porque ele não mora mais em N.X., mas creio que a vida dele seja boa, porque ele já tem o CRM e uma especialização e sim, ele aconselha.

As referências da Bolívia são dadas ainda por médicos da própria cidade de Nova Xavantina, quando procurados pelos pais e estudantes ansiosos por saber se estudar lá vale mesmo a pena. Ainda relacionando a importância das redes sociais, vale

dizer que elas auxiliam em todas as fases do processo, inclusive no momento do retorno. Como A. disse, é bem provável que o seu namorado, depois de formado, vá trabalhar onde alguns familiares já exercem a profissão, o que facilitará a sua integração profissional.

Dentro da análise das redes sociais, especialmente daquelas envolvendo retornados, fica patente a sua importância para a consolidação de fluxos migratórios – neste caso, internacionais. Fazito (2010) traz à baila quatro casos de migração laboral, em que constatou que são os retornados que facilitam as travessias de emigrantes. Além disso, o autor afirma que:

Os retornados antecipam o recrutamento e o agenciamento dos emigrantes trabalhadores, influenciando inclusive nas etapas migratórias posteriores (também já no destino). Por intermédio de suas redes pessoais, os retornados conectam os emigrantes aos agenciadores, ou diretamente às agências de trabalho internacional, e em vários casos, até diretamente aos empregadores no destino.

O retornado, segundo tais estudos, também pode vir a se tornar agenciador e recrutador oficial ou ilegal (FAZITO, 2010, p. 11). No caso dos estudantes brasileiros na Bolívia, observei a existência de agências brasileiras aqui no Brasil que cobram dos estudantes para auxiliá-los com todo o processo de visto, que inclui a reunião de uma série de documentos que devem ser carimbados pelo MEC, Itamaraty e que devem receber o selo da embaixada da Bolívia, aqui em Brasília. Como muitos não podem se deslocar para realizar esse processo, existem algumas agências que oferecem esse serviço. No entanto, não tenho informações suficientes dessas agências para ligá-las aos retornados.

Maria, a representante de uma universidade boliviana aqui no Brasil, contou-me que tais agências por vezes oferecem serviços de aconselhamento ao futuro aluno e que cobram preços exorbitantes. Ela, na função de representante da universidade boliviana, oferece o mesmo serviço gratuitamente. Além disso, o futuro estudante da universidade que representa pode contratar serviços que auxiliam na procura por moradia na Bolívia, bem como recepção no aeroporto e na locomoção até o local de sua acomodação.

No caso em estudo, os retornados são especialmente importantes por passarem adiante a ideia de que o projeto dá certo, influenciando, portanto, a decisão de partir, além de aconselharem os estudantes com relação às instituições de ensino que devem escolher para cursar medicina.



### **2.3 – Projeto educacional X projeto laboral: um fluxo às avessas**

Como os dados sociológicos do primeiro capítulo mostraram, a maior parte dos estudantes não trabalha (71,4%) e dos que trabalham (23,9%), muitos apenas conseguem “fazer bicos”, uma vez que o tempo que a faculdade de medicina lhes exige é grande. Esses dados mostram que o universo do trabalho está longe do cotidiano desses alunos, que só se aproxima deles na fase da residência médica.

Como dito no primeiro capítulo, existem dois grupos de brasileiros que habitam a Bolívia e que estão fortemente representados no Conselho de Cidadãos<sup>12</sup>, o grupo dos agricultores e o dos estudantes. Certamente, as suas demandas são diferentes, uma vez que pertencem a universos distintos. Nesse sentido, cabe breve análise acerca da literatura antropológica sobre migração.

Após algumas pesquisas, pude identificar dois tipos principais de estudos antropológicos sobre migração, um versando sobre migrantes laborais e outro, sobre migrantes com finalidade de estudo. Muitos temas foram comuns a ambos os casos, como a preocupação com a questão identitária e o contato interétnico (COSTA, 2008; FLEISCHER, 2002; MORAIS, 2009; MUNGOI, 2006); a descrição do grupo analisado e de suas clivagens internas; as redes sociais; domínio da língua e integração do migrante à sociedade receptora; os motivos da migração e as imagens acerca da localidade de destino. Alguns conceitos também me pareceram perpassar os dois tipos de estudo, a exemplo dos conceitos de transnacionalidade e da globalização, que não param nos estudos sobre fluxos de pessoas, atingindo também trabalhos que discorrem acerca do fluxo de dinheiro, de objetos, de ideias e de cultura (INDA e ROSALDO, 2008; LOBO, 2010; RIBEIRO, 2000).

Essa literatura me deixou ainda mais instigada pelo grupo de estudantes brasileiros na Bolívia por duas razões principais: seus motivos pareciam distantes daqueles que moviam os migrantes laborais e, mesmo quando se tratava de migrantes estudantis, a relação com o local de destino e com o que se buscava primordialmente era diferente. Em uma palavra, os estudantes brasileiros na Bolívia diferem dos demais, pois têm seu projeto migratório embasado por um projeto educacional, mas que, ao contrário do que se vê na literatura de fluxo estudantil, não está direcionado para uma

---

<sup>12</sup> Ferramenta do MRE que funciona em postos da rede consular para ouvir as demandas dos brasileiros que estão em outros países.

localidade positivada<sup>13</sup>. Por isso, compreendi o movimento em questão como um fluxo às avessas.

Da literatura de fluxo estudantil consultada, todas tratavam do fluxo de estudantes africanos para países que eram considerados “mais avançados” por eles do que os seus países de origem, a saber, para a Europa e Brasil. A busca dos africanos dos estudos de Mungoi e de Moraes (MUNGOI, 2006; MORAIS, 2009) era por um ensino superior de qualidade em países mais “desenvolvidos”, uma vez que em seus países a oferta de cursos de nível superior é restrita. O que pude observar é que os africanos tinham, assim como os brasileiros em direção aos EUA (FLEISCHER, 2002; MARTES, 1999), uma imagem positiva do país de destino. Nesse sentido, seu projeto se justificava pelo fato de estarem se movendo para um destino considerado “melhor” que aquele de origem. Além disso, para conseguirem estudar no exterior, esses africanos tinham que passar por seleções concorridas, ao contrário do que ocorre no caso da Bolívia, que é escolhida justamente por facilitar o ingresso no ensino superior. Os africanos dos estudos que li não vinham para o Brasil ou iam para Europa buscando valores mais baixos de vida e de educação, pelo contrário, muitos tiveram dificuldades para se manter e dependiam de bolsas de estudos. Não é que tal dificuldade não exista para alguns brasileiros na Bolívia, mas a decisão pelo fluxo é, como visto anteriormente, fortemente influenciada pelo que se vai poupar no país vizinho.

Com relação aos motivos que podem explicar fluxos migratórios, Martes (1999), que estudou imigrantes laborais brasileiros nos Estados Unidos, faz um apanhado interessante sobre os variados tipos de explicação acionados para os fenômenos migratórios. A primeira, e talvez a mais conhecida, é a da teoria econômica neoclássica, a *push and pull theory*, ou teoria da atração e repulsão, que enfatiza as desigualdades econômicas que existem entre os países, o que geraria grandes diferenças de incentivos salariais, criando regiões de repulsão e de atração, gerando certo desequilíbrio entre demanda e oferta. No nível macro, a migração é explicada pelas desigualdades socioeconômicas entre as nações e, no micro, por opções individuais. O problema desta teoria é que ela ignora fatores de ordem social e cultural (MARTES, 1999, p. 35), como, por exemplo, a importância das redes sociais para originar e sustentar o fluxo migratório, o que ficou claro durante minha pesquisa.

---

<sup>13</sup>Em uma referência a países considerados mais desenvolvidos economicamente e que por isso, abrigariam instituições educacionais melhores.

Outra abordagem tem um viés mais sociológico que inclui, a título de ilustração, os contextos sociais do país de destino e a influência cultural desses países, como a grande influência que o estilo de vida americano tem sobre o resto do mundo, o que pode ser visto como um importante fator de atração para a migração. Um exemplo clássico de migração, amplamente discutido na literatura, é o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos. Como afirma Martes (1999), esse país exerce uma atração grande sobre o mundo do ponto de vista do seu estilo de vida, de sua cultura e de seus valores, a exemplo da ideia propagada de “terra de oportunidades iguais para todos” e de liberdade, vivenciada por Catarina<sup>14</sup>. Assim, pode-se inferir que o projeto de vida de um brasileiro que vai trabalhar nos EUA inclui a aquisição desses valores americanos, a vivência do “sonho americano”, bem como o prestígio adquirido por se viver num país altamente valorizado pelos brasileiros sob diversas óticas (modernidade, tecnologia, cultura, entre outras), e de se possuir, mesmo no Brasil, diversos bens materiais como casa e carros, adquiridos com ganhos nos EUA graças às oportunidades oferecidas por aquele país. Não que a volta (mesmo que utópica) não seja almejada e realizada por esses brasileiros, ela o é, inclusive porque ela permite o fechamento do ciclo e a exibição dos símbolos de seu sucesso material; mas ela não representa o mesmo quando se trata dos estudantes brasileiros. A volta, para os brasileiros formados na Bolívia, não é ainda o momento de demonstrar o que foi conseguido, mas de lutar pela obtenção do CRM brasileiro, o que lhes dará as condições para galgar a posição desejada.

A Bolívia não parece atrair os estudantes brasileiros por causa de seu estilo de vida ou dos símbolos culturais. Pelo contrário, quase todos demonstraram ressalvas ao país no começo da construção desse projeto. Entretanto, algumas dessas imagens negativas foram dissipadas pelas redes sociais já instaladas na Bolívia, pelos retornados e pela própria experiência no país, a exemplo da qualidade do ensino e das instalações das universidades, que eles tanto gostavam de comentar comigo durante nossas conversas. Mesmo assim, muitos estudantes ressaltaram o choque cultural que tiveram ao chegar a Santa Cruz, em discursos repletos de adjetivos que valoram de forma negativa certos hábitos bolivianos.

Além da percepção, dos próprios estudantes e seus familiares, da Bolívia como um país que não atrai brasileiros, o projeto destes é objeto de reprovação e de questionamentos de muitos brasileiros, inclusive sendo fortemente atacado pela mídia.

---

<sup>14</sup> Ver estudo de Velho (1994).

Toda essa conotação negativa que envolve o estudo na Bolívia faz com que os próprios estudantes façam grande esforço no sentido de mostrarem a experiência de forma positiva. Desejam com isso destruir as imagens negativas associadas ao seu fluxo para os outros e, claro, para si mesmos. Afinal, eles são os que mais precisam acreditar na viabilidade e sucesso do projeto. Tudo isso fica muito claro quando se retoma os dados quantitativos apresentados no capítulo 1. A maior parte dos alunos considera forte a educação recebida na Bolívia e quase todos recomendariam a experiência a amigos.

Essas informações podem ser entendidas como a necessidade que têm de rebater questionamentos ao projeto que escolheram para si. No que tange a essa questão, é elucidativo transcrever a conversa entre dois estudantes acerca de uma reportagem divulgada pela TV Globo a respeito dos estudantes brasileiros na Bolívia, em que os repórteres mostravam a miséria dos brasileiros e a precariedade das universidades bolivianas:

T- [...] acho que o povo pensa, por tanto que você na mídia, que o ensino é inferior, mas...

R- É verdade, o Fantástico [programa televisivo] mesmo detona com a gente!

T- No Fantástico, foram na pior cidade, na pior faculdade, no pior tudo. Agora se vai na faculdade dela ou na minha... No Brasil não acha faculdade com aquela estrutura não.

R- É, não acha. A estrutura da faculdade é muito boa. E outra coisa, se for nesse mundão afora aí, Rondônia... esses dias mesmo eu tava vendo uma reportagem logo que eu cheguei, uns hospitais [universitários] em Rondônia, no Acre eu acho que também, horrível, horrível, não tem estrutura, tudo com infiltração e lá não tem, pelo menos nesse ponto. Lá as faculdades, todas praticamente têm uma boa estrutura sabe [...]

De maneira geral, os estudantes fizeram alusão a certo preconceito sofrido por estarem estudando na Bolívia e mesmo tentaram comparar a estrutura de ensino da Bolívia com a do Brasil para sustentarem sua argumentação. Importante ressaltar que uma imagem negativa da Bolívia também aparece nas falas dos próprios estudantes, especialmente quando falam dos seus pré-conceitos e do primeiro impacto ao chegarem à Bolívia:

- É totalmente diferente, é um país pobre! Minha prima falava, mas você não tinha noção de como que era. É um trânsito louco, você entra você fica louca. É um povo diferente, é uma mistura de índio, sei lá [...] se você chega você estranha muito, mas você se adapta, mas no começo, meu Deus! Lá eles fazem comida na rua, e é nojento! [...]

- É, outra cultura [...] passa dificuldade assim... Questão de comida essas coisas, tem os restaurantes brasileiros, questão de comida não passa dificuldade não, porque tem as opções, né? As opções boas e também cozinha em casa, mas eu mesmo no começo só cozinhava em casa, não tinha coragem não [...] eu não conhecia o lado bom da Bolívia no primeiro semestre, cheguei e conheci o lado ruim. Então, pra mim, era tudo horrível, de fazer comida em casa, eu não tinha boa impressão, mas igual, depois com o tempo, já tenho três anos lá, agora a gente conhece como que é, a gente muda bem o conceito, mas mesmo assim a diferença é grande demais [entre Brasil e Bolívia].

Longe de serem vitimizados pelos bolivianos, como faz a mídia brasileira e como ocorre em outras situações de migração, os brasileiros estudantes na Bolívia são vistos como ricos e privilegiados, e são eles que acabam discriminando os bolivianos, especialmente nas faculdades particulares de medicina, espaços que são já em grande parte dominados por brasileiros<sup>15</sup>. Essa afirmação aparece na fala de M.:

Na verdade, eu acho que os brasileiros têm mais preconceito com os bolivianos do que eles com a gente assim, sabe? O grupo da faculdade que a gente fazia era só brasileiro. Então, depois o professor falou: ‘gente, vocês têm que aprender a língua, vocês tão num país que é espanhol, castelhano, vocês têm que conviver com pessoas que sabem falar’ e é verdade, depois a gente começou a pensar, a gente só se reuniu, depois que a gente precisou, porque o trabalho tinha que ser todo em espanhol, e a gente tava aprendendo, era brasileira, aí gente falou ‘nossa, porque a gente não pegou um boliviano?’. Sabe, acaba discriminando sem querer.

Esse fato, reforçado pela fala de L., pode ser mais um indicador de uma diferença que marca o fluxo Brasil-Bolívia em relação a outros tipos de movimento de pessoas:

As meninas, foram umas meninas, e elas ficam muito entre elas, não se misturam com os bolivianos, às vezes por um certo preconceito.

Mas isso pode ser também interpretado pela ideia de que é natural uma aproximação entre os compatriotas, especialmente quando formam um grupo grande:

---

<sup>15</sup> Não é minha intenção estender a análise sobre questões de contato interétnico, a exemplo do que fazem outros estudos migratórios que se focam, por exemplo, nas dinâmicas identitárias.

lá tem vários brasileiros, muitos brasileiros, a minha sala é em torno de 60 alunos, mais ou menos uns 40 é brasileiro, o resto é boliviano, peruano, argentino, tem gente de tudo que é lugar, mas tem mais brasileiro.

No que diz respeito à relação dos estudantes brasileiros com os bolivianos em lojas, feiras, taxis, o comentário é de que os bolivianos, ao perceberem que os consumidores são brasileiros, tentam “arrancar dinheiro de qualquer forma”, como assinalado por A.

Além da informação que é transmitida pelas redes sociais, contribuem para uma imagem negativa da Bolívia as reportagens veiculadas na mídia que, às vezes, pode ser dissipada pela própria vivência do estudante. É o que me contou L.:

[...] então quando você vai de carro você vai passar por cidades muito pobres, você vai ver muita coisa feia [...] só que chegando na cidade e Santa Cruz é uma cidade muito grande, gostei muito da cidade, falei ‘nossa, uma cidade bacana, grande e tem muita coisa, nossa, que legal!’. Só que eu tinha uma imagem diferente de uma cidade mais rústica, mais feia e uma coisa mais tipo um povoado assim, só que não, é uma cidade moderna, é uma cidade que em questão de cultura e tudo ela tá uns 20 anos atrás, assim em questão de estrutura, eu falo a estrutura de cidade, ela tá há uns vinte anos atrás. É um estilo Goiânia, mas mais velha, só que em questão tecnológica ela tá avançada uns dez anos a mais que o Brasil, entendeu?

[...] todas as outras cidades são os ‘colla’, de descendência indígena, que usa aquelas saias, entendeu? Sempre quando você vê uma notícia no jornal, vai mostrar aquilo ali, porque o presidente é ‘colla’ [...]

Em contraste com todas essas imagens negativas que os estudantes fazem da Bolívia antes de lá desembarcarem, o que, portanto, descaracteriza uma possível atração cultural, estão as falas dos estudantes africanos com quem trabalhou Morais (MORAIS, 2012), que positivam o Brasil, mesmo sendo esse um país considerado menos desenvolvido que países europeus ou os EUA. Segundo a autora, contribuem para uma imagem positiva do Brasil as atrações da mídia, que fazem os estudantes, inclusive, desejarem o estilo de vida ao qual têm acesso por meio, principalmente, das novelas brasileiras:

As novelas geram efeitos de poder impressionantes porque, ao construir uma prestigiosa imagem do Brasil, alimentam expectativas de que, estando aqui, as pessoas poderão viver o cotidiano nelas apresentado que,

quicá, será incorporado por esses sujeitos no regresso ao seu país. (MORAIS, 2012, p. 19).

Sugiro que essas imagens, difundidas em novelas, em relatos de quem por aqui passou e pela presença de investidores brasileiros no país são manejadas por eles como fonte de construção de prestígio (MORAIS, 2012, p. 14).

Percebe-se também nos escritos de Moraes que vir para o Brasil é, para os moçambicanos com os quais trabalhou, fonte de prestígio. De forma inversa a Bolívia parece tirar um pouco do prestígio que a imagem da própria medicina carrega. Por vezes, escutei comentários na cidade de Nova Xavantina no sentido de desmerecer os estudantes que fazem medicina na Bolívia, algo do tipo: ‘ah, fulano faz medicina, mas é na Bolívia, aí é fácil, né?’. Logo, vê-se que, para os estudantes brasileiros, ir para a Bolívia não significa o mesmo que para os africanos virem para o Brasil ou irem para Portugal.

Aos poucos percebi que os estudos aos quais tive acesso relacionavam a ida para um lugar “melhor”, numa ideia de que seria esse mais avançado e que o sentido do fluxo se dava quase sempre a países do norte. A lógica sul-norte a qual me refiro diz respeito não só à dimensão econômica, mas também à influência cultural que os países do norte teriam sobre os países do sul. Importante ressaltar que na bibliografia sobre estudantes em fluxo, tratava-se de estudantes africanos migrando para Portugal e para o Brasil, que apesar de não ser considerado desenvolvido, como potências europeias ou como os EUA, era positivado por eles, sendo visto como mais avançado em relação aos seus países de origem. O que percebo a partir da pesquisa é que o fluxo Brasil-Bolívia inverte essa lógica presente na maioria dos casos estudados de fluxos de trabalhadores e de estudantes.

O valor da educação aparece como motivador básico para o fluxo. A esse respeito, pode-se citar a autora Leinaweaver (2008), que estudou o movimento de jovens no Peru que migram do campo e de pequenas cidades para a casa de parentes que vivem em cidades maiores, visando obter melhor educação. Segundo a autora, muitas vezes esses jovens são submetidos a trabalhos cansativos e sofrem humilhações e exploração na nova casa. Leinaweaver traz o conceito de se superar (*improve yourself*) relacionando a noção de que é a educação que vai lhes permitir mobilidade social, num contexto de pobreza extrema e, logo, a superação, superação esta que não é apenas econômica, mas moral, e se estende a familiares e amigos próximos, numa ideia de

superar a própria condição familiar. Entende-se que para se tornar uma pessoa melhor, é necessário ter uma boa educação.

Em sua dissertação de mestrado, Moraes (2012) discorre sobre a importância que a educação superior tem para os moçambicanos que estudaram no Brasil. O valor da educação formal se relaciona, segundo ela, com uma noção de diferenciação social:

O trabalho doméstico nas casas que frequentei em Maputo não é vivido sem conflitos entre as empregadas, as senhoras e os patrões, conflitos esses que revelam muito dos dispositivos de diferenciação social entre aqueles que possuem ensino superior, principalmente se feito em outro país. A distância aumenta quando aqueles que saíram começam a colocar em ação os múltiplos aprendizados conquistados no exterior. É como se, através de graus mais avançados na educação formal, as pessoas justificassem sua posição privilegiada em relação às outras, aumentando o grau de exigência nas tarefas domésticas diárias (MORAIS, 2012, p. 142).

A busca por uma melhor condição, que seria conseguida graças à graduação em medicina via Bolívia, pode, no entanto, ser questionada quando se pensa na ideia do fluxo às avessas, afinal, considera-se que o ensino boliviano seria inferior ao brasileiro e, conseqüentemente, os estudantes que vão para lá são aqueles que não conseguem estudar medicina no Brasil, o que levaria ao julgamento de que se tornariam, portanto, médicos menos competentes.

Meus entrevistados trouxeram muitos discursos aliados à ideia de “arrumar a vida”, isto é, adquirir uma estabilidade financeira, objetivo que, segundo eles, depende da graduação em medicina. Depende da medicina também a aquisição de uma posição social e de *status* mais elevada. A seção seguinte investigará por que é a medicina uma profissão imbuída de *status* e, por isso, tão valorizada no Brasil, despertando interesse de muitos brasileiros.

## **2.4 – O projeto de ser médico e o valor da medicina**

Explicado o valor da educação como elemento básico que norteia a ida de milhares de estudantes brasileiros à Bolívia, faz-se primordial aprofundar a análise para tentar compreender o valor da medicina na nossa sociedade e na vida dessas pessoas. É disso que essa seção irá tratar.

O projeto que está por trás do fluxo do estudante brasileiro difere daquele que guia a migração brasileira para os EUA num outro ponto crucial: ele se foca muito mais



na sociedade doadora (o Brasil) do que na receptora (a Bolívia). Isto se dá, porque o que se busca nesse caso não é nenhum tipo de “sonho boliviano”, mas o próprio “sonho brasileiro”, fabricado no seio na nossa própria sociedade. Afinal, somos nós que valorizamos a profissão e é aqui que ela tem que ser exercida para que o projeto se realize plenamente, ou seja, não basta ser médico, tem que ser médico *no Brasil*. Toda essa argumentação é para demonstrar que a motivação do fluxo Brasil-Bolívia, ao contrário daquela do fluxo Brasil-EUA, não se dá por aspectos intrínsecos à sociedade boliviana, que é vista apenas como passagem para a fase da “volta”, mas por aspectos intrínsecos à sociedade brasileira. O fato de ser a sociedade “receptora” a Bolívia ou Cuba não parece fazer diferença quando se pensa no resultado que se deseja alcançar, a menos que se considere, por exemplo, que o país de destino seja um país considerado mais desenvolvido economicamente, o que acabaria por significar um estudo de melhor qualidade e, logo, um profissional visto como mais competente e, portanto, mais renomado. De qualquer forma, o que importa é que o resultado dessa empreitada desemboque na obtenção de um CRM brasileiro, que lhes permita trabalhar como médico e obter todas as consequentes riquezas e prestígios.

Essa afirmação não significa, no entanto, que um migrante brasileiro nos EUA também não volte pela busca de um prestígio que lhe seria atribuído aqui no Brasil, a exemplo dos símbolos de *status* que eles podem vir a ostentar para demonstrá-lo. Dias (2000), por exemplo, fala dos migrantes cabo-verdianos que retornam para o país ostentando roupas e outros artigos, que são vistos como símbolos de sucesso que reforçam a ideia da conquista de uma posição social mais elevada. A autora diz que os comportamentos e vestimentas dos retornados acabam por diferenciá-los do restante da sociedade cabo-verdiana e gerar ao mesmo tempo um misto de aprovação e inveja. Parece-me que esse prestígio que ostenta o emigrante cabo-verdiano ao visitar ou voltar para Cabo-Verde não ocorre para os estudantes brasileiros de uma forma imediata<sup>16</sup>, pois eles ainda têm que passar por uma grande prova aqui no Brasil – a prova de revalidação dos diplomas – para que, só assim, possam exercer legalmente a profissão de médico e consigam alcançar, de fato, uma posição superior. Apesar disso, é importante dizer que para as famílias com quem fiz contato, só o fato de os filhos estarem estudando medicina, mesmo que na Bolívia, já é visto como motivo de orgulho.

---

<sup>16</sup> Não se pode esquecer, claro, que para os cabo-verdianos tal ascensão também não se dá rapidamente, mas depende de anos no exterior.

O projeto de se tornar médico norteia a vida de muitos brasileiros, não só a daqueles com quem conversei. Ele faz centenas de pessoas mudarem radicalmente suas vidas todos os anos em busca de cursos de medicina mais acessíveis no exterior<sup>17</sup>. A questão que se impõe diante dessa realidade é então: por que esse “sonho de se tornar médico” se constitui num projeto de tantas pessoas?<sup>18</sup> Que tipo de atração essa profissão exerce na nossa sociedade? No intuito de buscar respostas a essas perguntas, questionei os meus entrevistados acerca do que representava para eles essa profissão e as respostas que obtive foram no sentido de me dizer o quanto ela é importante e associada a uma certa superioridade.

T.: eles fazem o bem, não importa a hora que seja, eles salvam vidas, ter coragem (é nojento no começo); adquire o dom de curar, acho que é isso que o povo quer fazer, poder curar, salvar vidas [...] qualquer pessoa precisa de um médico, saúde é fundamental, arte de curar, por isso é tão valorizado, dizem “ah, ele é médico” [...] muitos preferem a saúde do que a riqueza, muitos querem só trabalhar e não cuidam da saúde. Se eu to sentindo alguma coisa, se eu to com alguma coisa se eu perguntar pro médico ele vai saber falar pra mim o que eu devo fazer pra acabar com isso e não é qualquer um, se a pessoa é engenheira eu vou perguntar: ‘ah, por que eu to tossindo por que eu to com essa dor aqui? O que eu faço pra parar com ela?’

A visão de N. vem muito mais no sentido de indicar o caráter de doação que a profissão médica exige e que, por isso, seria crucial que os estudantes tivessem uma vocação especial, não sendo *para qualquer um* exercê-la:

Na área da saúde, claro que todo mundo quer, se puder, medicina, né? Primeiro, tem aqueles que gostam de fazer, né, que realmente acham que é isso que escolhe pra fazer a vida inteira, né, que gostam da profissão; e tem aqueles que fazem pelo benefício financeiro que vai ter depois no retorno, né? [Por]Que médico ganha supostamente bem no Brasil, né? Não é uma profissão que se ganha mal, então eu acho que é isso o interesse, né, de ter tanto aluno que quer prestar pra medicina. Eu acho que é uma questão de gosto, eu digo assim por mim, né, que eu posso dizer que era o que eu mais me identificava e quando a gente fazia aqueles... tipo umas enquetes pra ver em qual curso você deveria prestar, sempre saía área da saúde pra mim, eu falava, então é isso, né, não é possível que tantas enquetes que eu procurava fazer eu tava fazendo de maneira equivocada, fazer e depois eu não ia gostar, daí eu fiz por isso, era uma área que me interessava, que eu achava que ia ser bom pra mim,

---

<sup>17</sup> Tenho contato com um estudante que se mudou recentemente para a Rússia, para lá estudar medicina em uma universidade que oferece o curso em inglês.

<sup>18</sup> Há de se considerar que o curso de medicina ainda é o mais concorrido no Brasil.

porque eu tinha mais facilidade talvez; medicina, um pensamento assim que eu tenho é uma doação, né? Você se doa em prol de uma outra pessoa, né? Que tá ali precisando da sua ajuda. Então é isso, é ajudar o próximo, né? Claro que não deixa de ser um meio, é um serviço, é um trabalho que você presta, né e que você é assalariado também, mas acima de tudo é uma doação, né, porque quem não se doa, quem não tem a intenção de ajudar o próximo, é meio, assim... dá uma controvérsia, né? Ser médico e não ter esse sentimento de doação de ajudar o próximo, acredito que seja uma entrega, porque no final quando você vai trabalhar, você não tem horário, né, como se fosse sua vida era entregue à medicina, a hora que tem um paciente precisando você tem que sair da sua casa esteja comendo, dormindo, fazendo o que for, você tem que ir lá e prestar o serviço, né? A ajuda. Então é isso. Acho que tem que ter uma vocação especial da medicina [...] porque é uma doação de vida, né? Imagina você se doar para uma coisa que você não gosta, né? Não dá pra entender, se a pessoa faz só por dinheiro a pessoa vai ter uma dificuldade no final, né.

O discurso de L. veio permeado por uma noção de que é o esforço que o estudante de medicina faz que o torna merecedor de sua posição e ao, mesmo tempo, contrastou à medicina a inferioridade dos outros cursos na área da saúde:

Dá o valor do médico, porque a coisa é muito puxada, é muito desgastante, tem dia que assim que seu corpo pede cama, que seu corpo... eu estudo tanto acho tem hora que eu fico sonhando, sonhando com as minhas folhas que eu fico estudando, com os resumos, sabe, que é uma coisa que eu fico, sabe, gente eu tenho que desligar, tenho que desligar. Enfermagem e odonto eu nunca pensei em fazer, porque eu acho que são cursos muito inferiores. O enfermeiro, o enfermeiro estuda a mesma coisa, quase a mesma coisa que medicina, e ele é só um enfermeiro, entendeu, ele obedece o doutor. Tá certo, o enfermeiro ele sabe muito, eu não menosprezo o trabalho do enfermeiro, só que, Ju, ele estuda a mesma anatomia, ele estuda as mesmas coisas, entendeu? A única coisa que ele não estuda a enfermagem ele não estuda fármacos que nem a gente estuda bem especializado nos fármacos e tipo eles não estudam, como que eu vou falar pra você, medicina interna, é no hospital né, diagnóstico, então, isso que eles não fazem, agora o resto eles sabem tudo, tem enfermeiro que sabe mais que um médico, mas ele é só um enfermeiro, e o salário dele não vai passar de 5 mil, agora um médico ele saiu ele ganha 15 mil, em qualquer cidade pequena ele ganha 15 mil, então por isso que eu acho muito inferior, porque você estudar quase a mesma coisa, a questão é de um ou dois anos de uma faculdade pra outra, mas também pra você sair ganhando o triplo. Por que odonto também é um curso inferior pra mim? Porque a pessoa é um quase um médico, estuda igual à medicina, sabe igualzinho, estuda anatomia, é uma ou outra matéria que não tem, só que só vai mexer na boca, se passar qualquer outra coisa ele não pode mexer, porque estudaram só pra mexer na buco-maxilo, só aqui, eles não podem mexer em mais nada, por isso que eu acho assim, às vezes se precisar de qualquer outra coisa que passar da

área deles, eles têm que mandar para especialista, por isso que eu acho que são cursos inferiores. A medicina não, ela vai mexer onde ela quiser [...] e estuda quase a mesma coisa, estuda só mais um pouquinho na medicina, pra você ser doutor e mandar nos enfermeiros.

Do discurso acima, pode-se inferir também que a superioridade da medicina esteja ligada ao poder que o médico tem sobre os corpos, *ele pode mexer onde* quiser. Além disso, a inferioridade dos outros cursos estaria ligada a uma remuneração mais baixa. Ainda no intuito de compreender o porquê de a medicina ser considerada um curso *especial*, indaguei-lhes sobre se seria necessário, portanto, possuir uma vocação para fazê-lo. J. foi bem direto em afirmar que, além de vocação para exercer bem a profissão, a medicina é reconhecidamente fonte de prestígio. O médico seria envolto de um *status* concedido pela sociedade, que veria nele características únicas:

[é preciso ter vocação] Acredito que sim, mas começa a mudar de ideia, muita gente fazendo por interesse financeiro, então não vai ter essa vocação se só pensa no dinheiro, né? Pra fazer medicina não, pra ser um bom médico, você tem que ter alguma vocação [...] você tem que ter o interesse, o gosto por ser e conhecer a realidade né, que você vai se deparar com coisas que não é toda profissão que vai deparar, da mesma forma as outras profissões né, que vai se deparar com coisas que médico não se depara né também. [...] acredito que como eu tem muitos que também têm o interesse pelo particular, pelo gosto de ser médico, mas a grande maioria posso te dizer que é pelo interesse financeiro, sabe, pelo *status*, que hoje e sempre o médico teve né, você é considerado uma classe topo né, é referência em tudo, acredito que por esse *status* e condição financeira que as pessoas procuram essa área. Acredito que é a população que acaba dando esse *status*, ele tá, tipo assim, com a técnica dele conseguindo salvar uma vida, não que se compare a Deus, mas que é alguém que ajuda, então acaba dando *status*.

Esse *status* que, segundo J., a população investe aos médicos, pode ser compreendido ao se deparar com a própria realidade de Nova Xavantina, onde médicos se tornam detentores de extensos pedaços de terra, candidatos à prefeito, e, de certa forma, ícones na cidade.

Pelos dados apresentados, fica claro que esses estudantes estão em busca de mobilidade social. Essa pode ser associada aos conceitos de capital cultural e econômico de Bourdieu (1996). Pode se pensar ainda que eles estão à margem no que diz respeito à obtenção de uma boa educação, motivo que lhes impede de passar no vestibular para medicina e que os faz recorrer à alternativa de ir estudar na Bolívia. Tendo em vista a noção de que a instituição escolar é uma das fontes de aquisição de

capital cultural, fica nítida a desigualdade educacional que assola o Brasil e que faz com que esse grupo compartilhe de uma restrição de oportunidades, uma vez que não puderam estudar em boas escolas de ensino médio e que vieram de realidades que não lhes permitiram aquisição de capital cultural suficiente para que ingressassem em instituições públicas de ensino superior aqui no Brasil. Por isso, a justificativa do projeto cunhado por esses estudantes brasileiros se assenta, sobretudo, na expectativa que eles têm de que irão adquirir capital cultural por meio da educação formal e, em especial, em um curso que acreditam ser capaz de dar-lhes um prestígio ímpar e que, portanto, os diferenciaria dos demais. Além disso, há a expectativa de que aumente o volume de seu capital financeiro, haja vista terem escolhido um curso que forma profissionais geralmente bem remunerados no Brasil.

Bourdieu (1996) escreveu que a instituição escolar contribui para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social. Para ele, as pessoas entram nas instituições de ensino já carregando consigo diferentes volumes de capital cultural que vão implicar em diferentes formas de apreensão do próprio conteúdo escolar. Isso, por sua vez, acabaria reproduzindo a própria desigualdade já existente na estrutura do espaço social, que abriga pessoas portadoras de capitais culturais em diferentes volumes dentro do que ele chama de capital pessoal global. O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação – capital econômico e capital cultural. Na prática, as distâncias espaciais no papel equivalem a distâncias sociais. Ele afirmou que as duas dimensões desse espaço (o capital cultural e o capital econômico) correspondem a dois conjuntos de mecanismos de reprodução diferentes, cuja combinação define o modo de reprodução, que faz com que o capital puxe o capital e com que a estrutura social tenda a perpetuar-se. Talvez se esses estudantes permanecessem no Brasil, eles participassem dessa perpetuação, a nível individual. No entanto, o fato de buscarem adquirir um capital cultural fora do Brasil, apesar de não alterar a estrutura brasileira, irá, na concepção deles, trazer transformações pessoais, que seriam capazes de levá-los a mudar sua posição na estrutura do espaço social.

As afirmações apresentadas nessa seção, portanto, levam a crer que virar médico faz parte de uma estratégia de ascensão social. No capítulo seguinte, essa noção de escalada social será abordada a partir da ótica dos ritos de passagem.



### Capítulo 3: Sobre ritos e estudantes

Segundo Van Gennep (2011 [1909]), todo rito assegura uma transformação de estado. O caso dos brasileiros na Bolívia não parece ser diferente. O conceito de rito que será aqui utilizado foi primeiro cunhado por Van Gennep e, em seguida, revisto e retrabalhado por Turner (1974[1969]).

O primeiro autor analisava o ritual pelo papel que ele desempenhava numa sociedade. O que chamou de *ritos de passagem* seriam aqueles em que operaria uma transição para novas etapas de vida e *status*. Para esse autor, “é o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma situação social a outra” (GENNEP, 2011, p. 24). Para Van Gennep, o indivíduo se modifica porque tem atrás de si várias etapas e porque atravessou diversas fronteiras. Os ritos de passagem possuem *três fases*: a de separação das condições prévias; a de estágio liminar de transição; e a de incorporação à nova condição ou reagregação à antiga. Mais interessado na dinâmica da mudança que o ritual favorecia, Van Gennep ressalta que sempre há uma fase mais significativa que as demais, a depender do ritual de que se fala. Por exemplo, o casamento é um ritual que se foca mais na fase de agregação, enquanto que o funeral foca na de separação e os rituais de puberdade, na de transição.

Turner, por sua vez, ao tratar da realidade *Ndembu*, falava em “dramas sociais”, que seriam sequências de eventos conflitivos que envolvem processos de ruptura, crise, reparação e reintegração. Esse autor se apropria das ideias de Van Gennep sobre os ritos de passagens e suas três fases, aprofundando-se mais na fase de *liminaridade*.

Turner, citando Van Gennep, diz que os ritos de passagem são “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, de idade”. Turner compreende “estado”, em oposição à transição, como “qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida”.

Conforme demonstrou Van Gennep, todos os ritos de passagem ou de “transição” se caracterizam por três fases: separação, margem (ou limiar) e agregação. A partir dessas noções de ritual e ritos de passagem, pode ser profícuo pensar como se dá a vida desses estudantes brasileiros antes, durante e após a ida para a Bolívia. Isto é, pode-se dividir esse movimento também em três fases e buscar traçar suas características. Nesse capítulo, portanto, o movimento estudantil Brasil-Bolívia será encarado como um ritual de passagem que possui um longo período de liminaridade,

que é o tempo que demoram para cursar medicina na Bolívia, e cujo resultado buscado será a elevação da posição social e de *status* dos estudantes, que se tornarão médicos.

A fase de separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. (GENNEP, 2011[1909], *apud* TURNER, 1974[1969]). No caso dos brasileiros na Bolívia tal distanciamento diz respeito não só ao afastamento do tipo de vida que tinham no Brasil, mas também àquele ocasionado pelo deslocamento físico, espacial.

Os estudantes se afastam de um tipo de vida ao qual estavam acostumados: deixam suas casas, terra natal, parentes e amigos, saindo também da condição de estudante de ensino médio ou pré-vestibular para a de estudante de medicina na Bolívia, estrangeiro e pessoa que mora “sozinha”. Essa série de rupturas é acompanhada e marcada pela distância espacial entre os dois lugares e por ritos menores, a exemplo das festas de despedida que são realizadas quando os estudantes saem do Brasil para embarcar para o país vizinho. Como diz Van Gennep, existem ritos de separação que acompanham os embarques/partidas e ritos de agregação na volta, que acompanham o desembarque. Isso ocorre com as festas de despedida e de boas vindas que os estudantes recebem de familiares e amigos.

Além da separação espacial, pesa o fato de a locomoção entre Santa Cruz e Nova Xavantina ser difícil, pois a distância é grande. A viagem de ônibus demora dois dias e ir de avião é caro. Como me contou uma estudante: não é como se estivesse estudando em Goiânia, por exemplo, que poderia pegar um ônibus à noite e no outro dia de manhã já estaria perto da família. Além disso, estudar em outro país implica em ter preocupações com uma série de trâmites como a emissão do passaporte, a reunião de documentos e carimbos, o visto estudantil e sua posterior renovação, entre outros. O dia-a-dia num lugar tão distante também em termos culturais e as pequenas dificuldades cotidianas, a exemplo das longas filas que eles têm que enfrentar para conseguirem sacar dinheiro na única agência do Banco do Brasil da cidade, acabam por influenciar o sentimento de estar distante.

Arrumadas as malas, acertados os documentos e feitas as despedidas, os estudantes estão prontos para viajar e desembarcar numa realidade diferente, onde serão remodelados para, apenas após 6 anos, regressarem de vez ao Brasil dentro de um papel inteiramente novo. Há de se considerar que os estudantes voltam antes disso ao país, durante as férias, para visitar a família.



No período “limiar”, disse Van Gennep, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas e ele se encontra em uma realidade na qual tem poucos ou quase nenhum dos atributos passados e ainda não tem os do estado futuro. Nessa fase, os estudantes estão adquirindo os conhecimentos de que precisam para se tornarem médicos. Eles, já distantes de uma condição anterior de vida, viveriam numa espécie de fase de transição e liminaridade, período de separação da família (isolamento), em que haveria a suspensão da estrutura social. Os alunos se encontram em um contexto diferente daquele em que estavam antes e diferente também daquele em que se encontrarão posteriormente, na fase de reagregação, quando serão médicos e se agregarão novamente à família e à sociedade de origem, com outra posição social, superior<sup>19</sup>.

É na fase de liminaridade que os meus interlocutores se encontram hoje, uma vez que todos, à exceção daqueles que desistiram, estão ainda cursando medicina na Bolívia. Os mais avançados no curso começam agora a fazer internato e os mais novos estão entrando no segundo ano do curso. Todos já se consideram adaptados ao lugar – apesar de nunca abandonarem o desejo de voltar para o Brasil – e trouxeram discursos sobre como foi o período de adaptação e as dificuldades pelas quais passaram.

Turner faz a distinção entre dois tipos de liminaridade. O primeiro é a liminaridade que caracteriza os ritos de elevação de “*status*”, em que o sujeito do ritual é conduzido de uma posição mais baixa a uma mais alta, num sistema institucionalizado de tais posições; o segundo é a liminaridade encontrada no ritual cíclico e ligado ao calendário, em geral de tipo coletivo, em que “pessoas de baixas posições na estrutura social são positivamente obrigadas a exercer uma autoridade ritual sobre seus superiores, que devem aceitar de boa vontade a degradação ritual”. Esse tipo de rito pode ser denominado rito de inversão de *status*. Uma variante desse ritual é aquela em que “os inferiores simulam a posição e o estilo de vida dos superiores”, como acontece no carnaval. No âmbito deste trabalho, é o primeiro tipo de liminaridade que será explorado.

Buscarei elementos dos discursos das pessoas que entrevistei que deixam explícitas, de alguma forma, características que Turner (1974[1969]) associa a esse tipo de liminaridade. Uma dessas características são os discursos de sofrimento que

---

<sup>19</sup> Infelizmente, não tive a oportunidade de conversar com nenhum médico formado na Bolívia e como meio de tentar apreender o que seria para eles a fase de reagregação, indaguei-os acerca de suas expectativas para a volta.

permeiam essa fase ritual. A ideia de que “sofrer faz parte” pode ser encontrada tanto nos estudos acerca dos estudantes africanos no Brasil quanto nas falas dos estudantes brasileiros que estão na Bolívia. Estes relatos que se apegam à ideia de que problemas e dores que enfrentam fora do país de origem “fazem parte”, podem ser interpretadas pela via dos comportamentos que Turner associa à fase da liminaridade num rito de passagem: visão conformista e marcada pela suspensão de alguns prazeres, aceitação de dores e sofrimentos, humilhações. Tudo isso faz parte da desconstrução de uma condição anterior para que os “neófitos” se remodelem e possam atingir a fase posterior.

Sofrer, nesse contexto ritual, parece algo indispensável para que o sujeito seja merecedor da posição que deseja alcançar. Isso vale também para os estudantes brasileiros. A fala de N. deixa isso bem claro:

Até porque lá é mais batalhado, né? Tudo que vem assim meio fácil, a gente não dá tanto valor como se você tivesse mais dificuldade pra conseguir, né? É uma coisa assim muito... você tem aquela dificuldade e no final você tem uma recompensa, então é uma sensação tipo de dever cumprido e uma sensação de [...] satisfação, quando você alcança uma coisa que você deseja muito e apesar da dificuldade você chegou lá [...]. Mas aqui no Brasil, eu teria uma sensação de satisfação, mas eu creio que não seria tão grande como o dia que eu tiver meu CRM em mãos, que eu tiver o prazer de poder trabalhar de maneira legal.

A aceitação da suspensão de alguns prazeres e das dificuldades e o discurso do esforço individual aparecem na fala de A., quando a indaguei sobre o que ela diria a alguém que quisesse estudar medicina na Bolívia:

Olha, eu apoio, só que assim, a pessoa tem que ter força de vontade, porque, querendo ou não, é um país diferente do nosso, não é fácil, você tem que se virar lá [...] mas eu dou força, porque o estudo lá é bom, então os alunos é só se esforçar que consegue [...] procurar ficar mais em casa, só ir pra estudar mesmo.

Além dos sofrimentos da adaptação, das dificuldades com a língua e com os estudos na universidade, os estudantes se veem sujeitos a certas situações em que se sentem humilhados e enganados pelos bolivianos. Segundo meus entrevistados, os bolivianos creem que os estudantes brasileiros têm dinheiro – muito em virtude da desvalorização do real frente ao boliviano – e, por isso, no comércio, os brasileiros seriam muito explorados por comerciantes locais que, ao perceberem o sotaque

brasileiro, cobrariam um valor mais alto por produtos e serviços. Um bom exemplo disso é a situação do táxi e, mais grave que isso, as tentativas dos próprios funcionários públicos em explorarem os estudantes brasileiros no momento da renovação dos vistos. As humilhações, por sua vez, viriam, segundo L., no período de internato pelo qual os estudantes de medicina têm que passar na Bolívia. Elas também fariam do médico, tal como compreendi, um profissional mais valorizado, ainda retomando a ideia do sofrimento como algo que é experimentado para fazer tudo valer a pena. Ela diz:

Eu acho que o médico, ele é médico, ele é *o médico*, porque ele passou por uma estrada muito difícil, que não todos conseguem e que tem que ter uma superação muito grande, porque quando você entra no internato você é muito humilhado pelos médicos, pelos residentes. Porque é assim, Ju, o interno, eu acabei de formar, eu vou ser interna [...] você é um cachorro quando você é interno. O hospital quer que você faz serviço de enfermeiro: dar banho, lavar as coisas, entendeu? Então, você tem que chegar, você tem que se impor, falar ‘não, a senhora é enfermeira, a senhora vai fazer esse serviço, eu sou médica’, você entendeu? E às vezes eles te dão castigo, então, eles são muito cachorro. O interno fala que ele é um cachorro, então, aí o doutor dá um castigo, hoje você ia ficar até às cinco horas, hoje você vai ficar até a meia noite, entendeu? Então, assim, é muito chato! Então, eu falo assim, o médico, ele dá esse valor de médico, porque a coisa é muito puxada! É muito desgastante!

Outra característica dessa fase de transição é a camaradagem entre aqueles que nela se encontram, como pode ser visto no caso de pessoas que nem se conhecem se ajudarem mutuamente nesse contexto de fluxo. A solidariedade entre os migrantes é uma categoria que aparece em estudos migratórios e que também se demonstrou presente no caso Brasil-Bolívia. Essa categoria, no entanto, é questionada por Martes (1999), que diz que o pressuposto da solidariedade entre os conterrâneos deve ser investigado e não tomado como um dado, uma vez que isso pode acabar por ignorar possíveis relações de poder, conflito e competição. Em seu estudo, Martes resgata a competição que certas vezes existe entre os migrantes compatriotas, especialmente relacionada à competição por espaços no mercado de trabalho, o que pode vir a causar cessões no grupo. No entanto, entre os estudantes em fluxo, a competição não aparece como fator desagregador, uma vez que eles não estão inseridos no mundo do trabalho e que convivem, sobretudo, como colegas de classe. No geral, há um nível elevado de solidariedade entre esses estudantes, especialmente entre aqueles que compartilham a mesma origem nacional e étnica. Entre os estudantes, o fenômeno de ajuda mútua está

muito presente, há uma relação de camaradagem entre os conterrâneos, mesmo que desconhecidos, o que, pode-se pensar, vai de encontro com o que Turner (1974) associava à fase de liminaridade. Isso ficou bem claro no capítulo 2 quando se expôs a importância, para a adaptação dos migrantes no local de destino, das redes sociais, que não são constituídas apenas por amigos próximos ou familiares, mas também por meros conhecidos.

A existência de um forte senso de solidariedade entre muitos estudantes brasileiros que estão na Bolívia, entretanto, não quer dizer que não haja diferenças grandes entre eles. Como o pai de uma estudante me disse, muitas vezes eles vão juntos, mas após algum tempo lá na Bolívia, acabam se separando – deixando de morar juntos, por exemplo – por terem objetivos diferentes, uns querem “festar” enquanto outros querem realmente estudar e se dedicar.

Além da competitividade, citada por Martes, existem outros motivos que podem gerar clivagens internas aos grupos de migrantes. No caso do presente estudo também existem critérios que distanciam e aproximam pessoas e que acabam por construir grupos menores dentro desse coletivo maior que é o dos migrantes brasileiros na Bolívia. Alguns autores ressaltam que existem diferentes tipos de migrantes, a exemplo da diferença de escolaridade entre migrantes brasileiros nos EUA ou de origem regional, o que pode gerar clivagens internas ao grupo brasileiro (FLEISCHER, 2002; MARTES, 1999), o que também é válido para o caso dos estudantes africanos: uns vêm com auxílio de bolsa ou do governo; outros, advindos de classes sociais mais elevadas no país de origem, conseguem custear eles mesmos a viagem e permanência no local de destino. Em alguns casos existe o auxílio de ONGs ou instituições religiosas. Essas clivagens são vistas também no caso dos estudantes brasileiros na Bolívia. Segundo L., a questão financeira difere uns estudantes de outros e interfere no tipo de adaptação ao país:

Porque tem muita gente que tá lá que não gosta de lá, entendeu? Odeia lá, mas depende também, Juliana, eu entendo porque certas pessoas odeiam, pela condição financeira. Tem gente que tá lá com muito pouca condição financeira, com pouco dinheiro demais. Eu entendo, sabe? Passa dificuldade, o dinheiro lá é pra pagar faculdade, pra morar e pra andar de micro. E o micro lá é uma coisa tão precária, entendeu? É como se fosse uma vanzinha assim, sabe? Que você paga um peso e você tem que ir apertado ali com todo mundo, sorte quando você pega o micro... Tem gente que vai de táxi pra faculdade, tem gente que tem carro, entendeu? Tudo depende da condição financeira. Lá não tem só aluno que, por

exemplo, não pode pagar a faculdade, tem muita gente rica lá, mas por quê? Porque não passou no vestibular no Brasil [...].

Segundo Turner, os neófitos tendem a criar entre si uma intensa camaradagem e igualitarismo. “As distinções seculares de classe e posição desaparecem, ou são homogeneizadas”. De fato a situação comum de estar na Bolívia acaba unindo pessoas que talvez em outra situação não se aproximassem, mas há também de se relativizar essa ideia de “homogeneização”, haja vista que todo grupo possui clivagens internas que não devem ser ignoradas, a exemplo da citada diferença de classe social, origem regional e, como mencionou um pai de uma estudante, “de objetivos”. Diferentes critérios são acionados pelos estudantes para construir suas redes sociais, a exemplo do critério da origem nacional e/ou étnica comum de que fala Mungoi (2006) e Subuhana (2009).

Na terceira fase, dita de reagregação ou reincorporação, consoma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros, que esperam que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social num sistema de tais posições.

Realizando um paralelo com as três fases do rito de passagem, de Van Gennep e Turner, pode-se associar a chamada fase de reagregação com o momento em que esses estudantes voltam para o Brasil, fazem a prova para obtenção do CRM e se tornam, de fato, médicos. Tendo em vista todos os discursos acerca do valor da medicina, apresentados no capítulo interior, fica nítida a característica desse movimento como rito de passagem, uma vez que ele permite a mudança de posição e de *status* desses estudantes na sociedade de origem e frente às suas famílias.

O momento do retorno é aguardado ansiosamente por aqueles que se encontram em fluxo. No caso dos estudantes brasileiros na Bolívia, eles disseram ser o retorno algo almejado por todos e um verdadeiro marco no processo, afinal, é ele que se busca alcançar, é ele o objetivo final, quando o processo todo se fechará, ele que faz tudo valer a pena.

A.: Quando eu cheguei, eu falei, meu Deus, onde eu to? Mas eu tinha um objetivo, né? Tive que ficar.

O retorno é um movimento esperado pelo migrante e, muitas vezes, considerado utópico pela literatura, uma vez que nunca se volta para o mesmo lugar de onde se saiu.

Fazito (2010) retoma as discussões de Sayad (1998) a respeito da impossibilidade concreta do retorno:

O retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado por eventos vitais e, conseqüentemente, uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se "abandonou".

Por outro lado, o retorno não deixa de ser uma categoria fundamental quando se fala de migração, pois é a própria *condição de retorno* que legitima racionalmente o projeto. Novamente retomando Sayad, Fazito escreve:

De um lado, tal condição *essencializa* o fenômeno migratório, imputando-lhe uma causa fundamental singular, isto é, a ideia original para todo migrante de que seu projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal - um princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações (SAYAD, 2000, *apud* FAZITO, 2010).

Voltar à terra natal é, de fato, uma vontade da grande maioria dos estudantes brasileiros na Bolívia. Os que querem voltar somam 85,5% dos estudantes que responderam ao censo virtual elaborado em parceria com o Itamaraty e, entre os estudantes com que conversei esse é um desejo de todos e de todas. Alguns dos meus entrevistados voltaram ao Brasil precocemente, um porque resolveu continuar tentando o vestibular e outro porque disse que teria tido alguns problemas pessoais que o fizeram voltar. Hoje essa segunda pessoa cursa nutrição em uma universidade do estado, em uma das cidades vizinhas à Nova Xavantina. Mungoi (2006), que estudou o fluxo de estudantes africanos para o Brasil, traça os motivos do desejo pela volta à terra natal e cunha a ideia, que acredito ser fundamental também para a compreensão do movimento estudantil Brasil-Bolívia, de o Brasil, país destino dos estudantes africanos, como um trampolim, não como um lugar para se ficar e trabalhar, mas essencialmente um local a que se vai pontualmente para se obter uma formação e, então, retornar à casa. Ela diz:

É fundamental destacar que os dados indicam que o horizonte de retorno é expresso na maioria dos relatos dos estudantes entrevistados. Terminar os estudos, obter o diploma e voltar para o país parece ser o principal objetivo destes estudantes.

As razões para este regresso tão esperado são várias e podem ser divididas em três grupos. O primeiro tipo de justificativa está relacionado à busca de prestígio e ascensão social e maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

O segundo é motivado por questões de ordem familiar, como necessidades econômicas da família e formação de lar (casamento, filhos). O terceiro grupo está relacionado com questões de ordem moral (desenvolvimento do país e retorno do investimento).

Estes motivos não são excludentes, o que significa que podem ser encontrados na fala do mesmo estudante.

Através dos depoimentos pode-se dizer que o Brasil é concebido por alguns estudantes, mais como um passaporte para obtenção de um capital social que lhes garante uma ascensão social e prestígio, do que como um país de imigração no sentido tradicional do termo, onde o objetivo é eminentemente econômico (DURHAM, 1987). Neste sentido, é o capital social adquirido no Brasil através da entrada do estudante na universidade que constitui o objetivo central da emigração, visto que o mesmo pode servir de trampolim para a obtenção de um capital econômico.

O plano da volta é muito presente em todos os discursos e ele, inclusive, motiva os estudantes a continuarem vivendo na Bolívia porque, no final, “todo o esforço será recompensado”. Entretanto este plano esbarra, como discutido anteriormente, na dificuldade em se obter o CRM brasileiro. Mesmo assim, eles preferem continuar cursando medicina lá a voltarem para o Brasil para fazer outros cursos. Maria me contou que a procura pelo curso de medicina na Bolívia só aumenta a cada ano, o que traz para as universidades bolivianas a dificuldade de acomodar todas essas pessoas e garantir um ensino de qualidade, que, segundo ela, relaciona-se muito com a quantidade de alunos na sala de aula, por exemplo.

Quando se fala da volta, a maior parte das pessoas entrevistadas diz que ficar na Bolívia não é o que se quer, pois lá estão longe da família e não vislumbram um futuro de sucesso econômico. A. me contou que:

Não, não compensa ficar lá [depois de formada], o médico lá não recebe bem, por plantão parece que eles recebem 20 dólares, 40 reais, mais ou menos, né? [...] Tanto é que tem muita mulher que vai lá fazer cirurgia plástica, porque é muito barato, eles fazem muito barato!

Como já argumentado no capítulo anterior, o baixo índice de aprovação das pessoas que estudaram na Bolívia na prova do Revalida para obter o CRM aqui no

Brasil parece não afetar muito os planos dos estudantes. Apesar de terem ciência das dificuldades que enfrentarão para conseguirem exercer legalmente a profissão na terra natal, o projeto é mantido e continua a atrair muitos brasileiros todos os anos. Alcançar a posição desejada depende de o projeto de ser médico dar certo. Mas o que aconteceria caso esses estudantes não conseguissem exercer a profissão no país? As respostas que encontrei foram, em sua maioria, evasivas.

Com base nos dados do Revalida de 2011 de que apenas 5% dos médicos formados na Bolívia conseguem passar na prova de revalidação de diplomas aqui no Brasil para obterem o CRM brasileiro, perguntei aos estudantes qual seria o plano B deles caso não conseguissem revalidar seus diplomas. Percebi, então, que, de fato, esses estudantes não possuem um projeto alternativo de vida e que não conseguem conceber a ideia de que o projeto de ser médico, da forma como o elaboraram, pode não se concretizar. Alguns me disseram claramente que se esse projeto não der certo, eles não sabem o que vão fazer e, apesar de terem uma noção vaga de outras opções, veem-nas como algo a ser feito em último caso, como se vê no diálogo reproduzido abaixo:

R- Eu não tenho [um plano B], eu to contando com a sorte...

T- Plano B seria bem uma última opção [...]

R- E é muito arriscado, você trabalhar também com o CRM de outra pessoa [...] você perde e vai ter que fazer outra coisa, nunca mais vai ser médico...

T- Eu nunca nem pensei nesse plano B... uma prima minha, a mãe dela mora na Espanha e diz que lá vale a documentação da Bolívia, mas eu não penso em hipótese alguma ir pra lá, mas ela comentou comigo que se não der certo no Brasil de tudo quanto é jeito, se tentasse e não conseguisse, ela ia pra lá, tentar lá [...] lá pagam bem, mas eu não...

R- É, o plano de praticamente todos é voltar, estudar lá ou tentar transferir antes, ver se consegue transferir.

No discurso de N. parece também não haver espaço para a possibilidade de não obter o CRM brasileiro, principalmente para os que se esforçam, e ela deixa claro que sempre pensou no sucesso do projeto, o que corrobora a ideia de que a possibilidade de falha não pode existir, se não o próprio projeto morre. Segundo N.:

Se a pessoa for dessas assim que não gosta muito de lutar, sabe? Ela desiste fácil mesmo. Se tiver a vida fácil no Brasil, a pessoa não fica lá não. Se ela sempre teve a vida fácil, ela desiste, porque lá é bem bagunçado, as coisas lá são difíceis [...].

Até porque no final também é bem difícil, né? No final é mais uma luta [para obter o CRM] e uma luta assim que você não sabe se vai ter, é



muito insegura, porque aí vai saber como vai ser isso no final. Essa prova do CRM deve ser muito difícil, todo mundo fala que realmente é muito difícil e é mais anos se dedicando para conseguir uma coisa que você nem imagina que vai ser tão difícil assim [...] até você conseguir trabalhar é mais um caminho [...] Nunca me arrependi, nunca pensei em desistir [...] Mesmo sabendo da dificuldade, eu sempre acreditei que no final ia aparecer alguma chance, sabe? Alguma luz assim. Mas para quem não é muito persistente acho melhor nem tentar. Nem tenho [um plano B], nunca pensei em nada, eu sempre penso que vai dar certo, na verdade, nunca pensei que não fosse dar, eu sempre coloquei na minha cabeça que vai dar certo. [...] Mas eu imagino que a gente vai conseguir, porque o CRM, essa prova do CRM sempre teve, né? aí tipo, se eu não passar na primeira, eu vou tentando, tentar uma, duas, três vezes, e vou fazer o cursinho, vou me dedicar da maneira melhor possível e até eu passar, nunca pensei em parar, tipo, enquanto eu não passar, eu vou tentando até uma hora eu consigo, né? Não é possível... [...]

Mas eu nunca conheci ninguém que não tenha conseguido, mas eu conheço poucas pessoas, os poucos que eu fiquei sabendo, conseguiram [...] mas eram casos diferentes, aquela época era mais fácil.

Mas eu sei que no final vai dar tudo certo [...] mas a gente nunca sabe quando.

L. também trouxe um discurso positivo sobre o desfecho do seu projeto e se valeu de uma ideia de culpabilização do indivíduo, de acordo com a qual, *dar certo* depende apenas do esforço de cada um e da forma como conduziram seus estudos na Bolívia:

Eu acho que quando eu chegar aqui [volta para o Brasil] vai ser tudo mais fácil, pela base que eu já tenho, né, Ju? Quando você já tem uma base, você fala assim, ‘ah, não vai ser tão difícil’. Depois que você já passou por tudo [curso e adaptação], o que é uma prova do CRM? É você estudar, mas se você levou o curso inteiro, se você foi uma boa aluna, você estudou, entendeu? Aí é mais fácil!

Meu foco sempre foi só um, terminar e vir pro Brasil. E continua sendo isso. Quero terminar, meu projeto é terminar no final do ano que vem, fazer o internato e regressar pro Brasil, fazer a prova do CRM. Muita gente consegue passar pro CRM, claro, só que tem muita gente também que pena [...]

Sabe o que é, Ju? Eu sou uma pessoa muito positiva, entendeu? A coisa pra mim não vai dar errado, vai dar certo e aonde eu for, Deus vai abrir uma porta, vai aparecer alguém, vai vir alguém, as portas vão abrir, então, eu tenho esse pensamento comigo e desde já tá aparecendo muita oportunidade, pra onde eu vou, como que eu vou fazer e já tem amigos meu que falam ‘ó, você vai sair com a gente, nós vamos sair, nós vamos conseguir o CRM assim, nós vamos estudar, vamos fazer um curso’. Um

médico que já foi por esse caminho ele vai instruir a gente, que é pai de um amigo nosso, então, eu já tenho muitos caminhos por qual eu vou, então é o que eu falo pra você, você tem que ser positiva, se você falar que vai dar errado, as palavras, acho que a força das nossas palavras tem poder e atrai, se você fala que as coisas vão dar certo, as coisas realmente dão certo, porque tudo que você fala você atrai, eu acredito muito nisso, e até hoje tudo tem dado certo lá pra mim, porque eu sou muito positiva, entendeu? Vai dar certo, vai dar certo, as matérias são difíceis, mas a gente vai conseguir, a gente vai passar de semestre, a gente vai passar, a gente vai reunir, a gente vai estudar [...].

Muita gente não vai pra lá pra estudar, né? Muita gente vai pra lá acho que pra passar férias, porque o que eu conheço de gente lá que não quer nada com nada [...]

A posição social superior que eles almejam alcançar com esse rito se relaciona à conquista de bens materiais e de um nível de *status* que, segundo eles e conforme o que já foi dito no capítulo 2, só o médico possuiria. De acordo com vários estudos migratórios, exibir as conquistas faz parte do comportamento dos migrantes que voltam à terra natal. Eles querem mostrar que o projeto foi bem sucedido e os símbolos de sucesso variam de acordo com cada realidade. Essa é uma noção importante cunhada por autores que falam de migração laboral: a ideia de que os retornados devem demonstrar, através de diversos símbolos, seu sucesso (tanto em termos econômicos quanto de *status*), o que, por sua vez, funciona como estímulo fundamental para novas migrações e, nesse sentido, ajuda a construir um verdadeiro fluxo migratório em direção à determinada região. Nessa lógica, o retorno é algo desejado, pois é o momento em que se conclui o ciclo, em que se mostra aos demais o que se adquiriu enquanto se esteve fora, o que é fonte de prestígio. Os símbolos do sucesso variam, podendo ser uma casa de três andares, um casamento pomposo ou vestimentas diferenciadas<sup>20</sup>. No contexto de Governador Valadares, como mostrou Machado (2006; 2009), o sucesso da migração é visto quando o retornado consegue construir a sua casa para viver, sendo, portanto, o projeto de constituição da *casa* própria realizado via emigração.

Procurei saber, então, quais seriam as expectativas dos estudantes entrevistados para a volta, o que mudaria em suas vidas, para vislumbrar quais seriam esses símbolos que eles gostariam de ostentar na volta, que trariam a conotação de um sujeito transformado, melhor, numa posição superior.

---

<sup>20</sup> Ver Dias (2000), sobre os retornados cabo-verdianos.

O discurso de L. é interessante por trazer muito da linguagem médica que aprendeu na Bolívia para uma das entrevistas que realizei com ela, o que poderia ser compreendido como um símbolo que demonstra sua formação diferenciada numa profissão que é, segundo ela, mais valorizada que as demais, tanto por envolver um alto nível de complexidade, que ela não imaginava encontrar no curso, quanto pelo lado humano, de ajuda ao próximo. Ela diz:

Antes eu fazia uma ideia assim ‘ai, medicina’, eu imaginava um doutor num consultório, só que não, Ju, a medicina não é isso! A medicina é várias matérias difíceis, é muita prática, é muito hospital, é muita coisa difícil que você tem que aprender, entendeu? Acho que você tem que ter um sexto sentido pra ser médica, entendeu? Você não tem que ter só os 5 sentidos, você tem que ter o sexto sentido, você tem que imaginar, você tem que saber diagnosticar, uma coisa muito difícil é você saber diagnosticar e o diagnóstico é 3 ou 4 sintomas pra você pensar em um, entendeu? E desse 1 você tem que descartar vários, porque pode ser infinitas doenças, porque cada doença tem sintoma muito semelhante, porque vômito e febre todo mundo tem, entendeu? E pode ser... é muito grande a classe de doença e de sintoma, é muita coisa, Ju! [...] O que eu já fiz hoje, eu sei muita coisa, mas falta muita coisa ainda, entendeu? Muitos colegas meus que terminaram falam assim ‘L., parece que eu terminei e não sei nada!’ Mas não é isso! É porque é muita coisa e você vai aprendendo com o tempo, porque você vai fazendo prática, vai passando pelo internato, você vai trabalhando, você vai aprendendo cada dia, na medicina você nunca deixa de aprender. Colegas meus que estudaram assim que são CDFs falam assim ‘ah, L., parece que eu não sei nada’, entendeu? Porque é muita coisa pra estudar, é muito número, você tem que saber valor de potássio, você tem que saber valor de *glicêmio*, você tem que saber valor de tudo, de tudo, de ureia, creatinina, de leucócitos, você tem que saber o quanto tá elevado, o quanto tá diminuído, se tem desvio à esquerda, é muita coisa, é muita coisa! Você tem que saber as proteínas do coração, você tem que saber os pontos de *auscultação*, os tipos de sopro, são 6 tipo de sopro, de *auscultação*<sup>21</sup>, então, é muito difícil.[...] Eu acho que a medicina é uma profissão diferenciada, engenharia é uma profissão diferenciada, que envolve muito número, muita coisa, muita experiência, muitas maquetes, tem várias profissões que são diferenciadas, mas a questão da medicina é a questão de olhar pro ser humano. [...] Então, tem gente que entra na medicina pra ganhar dinheiro, tem gente que entra na medicina pra ajudar as pessoas, e tem gente que entra pelos dois.

L. diz que a expectativa que ela tem, ao escolher estudar medicina e, em especial cirurgia plástica, é que sua vida realmente mude:

---

<sup>21</sup> Acredito que diga respeito aos pontos de ausculta que, de acordo com breve pesquisa na Internet, refere-se a uma ferramenta clínica que possibilita ao médico escutar sons cardíacos e pulmonares.

Eu acho que vai mudar minha vida, vai! Eu acho que eu vou conseguir dar um futuro bom pros meus filhos, eu não vou precisar trabalhar muito e tipo assim, eu vou ter um bom salário, uma boa remuneração e o que eu quero dá muito dinheiro, que é a cirurgia plástica, que eu quero ir pra esse lado. Vai mudar minha vida totalmente, que eu vou ser médica, né? Que nem eu falei assim, eu vou ser médica e vou ser cirurgiã plástica. Hoje o médico é o médico e hoje o cirurgião plástico é mais que um médico. O cara é cirurgião plástico, então além de medicina nas costas ele tem especialidade em cirurgia, que é 3 anos, e ele tem especialidade de cirurgia plástica que é mais 2 anos. Então, você sabe que o cara estudou pra caramba pra estar ali, entendeu? Por isso que eu acho assim, vai mudar a minha vida? Vai! Vai mudar muito! [...] Porque um advogado hoje ele vai indo *devargazinho*, né? Medicina, não! Medicina você sai e você já sai ganhando, né? A tendência é você ganhar mais, você faz uma especialidade e você ganha mais! Então, eu acho que vai mudar muito a minha vida sim! Eu sei que é a longo prazo, porque ainda vai demorar, eu termino agora e se eu for trabalhar agora eu vou ganhar 10, 15 mil, mas é por 5 anos, pra depois eu ganhar 30, 40, entendeu? Até eu montar a minha clínica.

O carro pode ser um símbolo de sucesso que os então estudantes enxergam nos já egressos e que talvez vislumbrem também para o seu futuro:

Meu colega tá trabalhando, ganhando dinheiro e ele é um bom médico, ele é um ótimo médico! E ele só fica na clínica, faz clínica, consulta e ele falou assim, ‘L., é muito bom! L., vale a pena cada noite perdida!’ E ele chegou agora lá num carrão novo, pra você ver, esses dias ele andava de ônibus, né? Aí você vê a pessoa andando no carrão novo, aí ele disse, ‘L., tá valendo a pena, agora eu vou e compro as coisas que eu quero’. É muito bom você escutar isso de uma pessoa que tava passando dificuldade na faculdade e tudo, é muito bom! Aí você vê que a pessoa cresceu, evoluiu!

O valor da educação e em especial da medicina, pelos motivos já anteriormente discutidos, levam esses estudantes para uma posição na estrutura social que consideram superior à anterior – ou assim eles esperam que aconteça. Por último, vale destacar a própria experiência da mobilidade, condição *sine qua non* para que se tornem médicos, que é valorada de forma positiva e também encarada como parte desse processo de se tornar uma pessoa melhor, como fica claro no discurso da estudante:

Acho que foi quando eu fui pra lá [o grande marco de sua vida] O impacto grande é quando você chega [à Bolívia], porque é aí você vai

decidir se vai ficar ali ou se vai abandonar tudo e vai *voltar pra trás*, entendeu? [...]

[Com relação ao nível de dificuldade dos semestres na faculdade de medicina] Não vai ficando mais difícil, você vai ficando melhor. Você vai sabendo mais, entendeu?

Eu acho que a mudança mais radical na minha vida foi eu sair do colégio e ir pra lá. Foi, porque eu amadureci, eu aprendi muita coisa morando sozinha, minha cabeça abriu, eu mudei muito as minhas perspectivas de amizade, de vida, de ambiente, de pessoa, você aprende muita coisa! Você deixa muita coisa pra trás. [...] Eu achava que isso aqui [provavelmente em referência à cidade de N.X.] era o máximo, isso aqui não é nada! Tem muita coisa ainda pra mim, pra eu ver... Tem muito chão! Então aí você olha a adaptação que você tem, o conhecimento, você vai conhecendo pessoas que conhecem o mundo, aí você fala ‘nossa, o mundo não é só a cidade que eu moro! A vida não é só uma cidade pequena!’, entendeu? Aí você fala assim, ‘gente, tem gente que conhece o mundo, gente que começou do nada e hoje... entendeu? Aí você começa a ver o exemplo das pessoas do lado, aí você pensa ‘eu quero crescer também!’.

As falas dos estudantes, apresentadas no decorrer deste trabalho, apontam para uma ideia de transformação de vida, de crescimento pessoal e de ganhos materiais e de *status*. Todas elas remetem, em certa medida, ao próprio objetivo dos ritos de elevação de *status* estudados por Turner (1974). Por isso, nesse capítulo, considerei pertinente uma aproximação entre algumas das características mais marcantes dos ritos de passagem e as do meu objeto de estudo.

Como visto, todo o processo de se galgar uma posição de maior *status* na sociedade de origem, visto nesse capítulo sob a ótica dos ritos de passagem, passa pela experiência da mobilidade e da educação em medicina. Todos têm o plano de voltar para o Brasil e obter o CRM, apesar de não saberem exatamente muito bem se isso se concretizará, dado o nível de dificuldade da prova aplicada para a revalidação dos diplomas. Por último, vale a reflexão de que esse movimento, com a sua magnitude e relevância, não modificará apenas a vida de cada indivíduo inserido nele, mas, provavelmente, impactará o mercado de trabalho brasileiro e a saúde no país, na medida em que injetará centenas – e talvez milhares! – de novos profissionais em hospitais e clínicas. Discussões políticas serão abordadas nas considerações finais do presente trabalho.

## Considerações Finais

O presente trabalho discutiu o fluxo estudantil Brasil-Bolívia, com ênfase no movimento de estudantes brasileiros em busca da graduação em medicina oferecida a preços acessíveis no país vizinho, sob duas perspectivas centrais: projetos de vida e ritos de passagem.

A primeira entende o sonho de ser médico como o projeto principal na vida dos estudantes entrevistados que, por sua vez, depende do fluxo para a Bolívia para se concretizar. Foi visto, ainda, que por trás desse *sonho* de tornar-se médico encontram-se os valores da educação superior e da própria medicina, vista pela maioria como fonte única de riqueza e prestígio, na medida em que o médico, percebido como aquele que salva vidas, é investido de *status* pela sociedade e de uma recompensa financeira que perpassa, ao menos, o imaginário da profissão.

Já a segunda via de análise entende que pelo fato de o projeto almejar uma elevação de *status*, e, portanto, transformação, ele poderia ser considerado uma espécie de rito de passagem, com as suas correspondentes fases: separação, marcada pelo afastamento de um tipo de vida que se tinha, da família, dos amigos e da terra natal; liminaridade, período em que se está distante de um papel anterior e em busca de um papel futuro e em que os estudantes estão recebendo as instruções para ocuparem esse futuro papel frente à sociedade brasileira e à família; a liminaridade também é o momento em que enfrentam uma série de dificuldades e sofrimentos que os farão, tal como previsto pela teoria utilizada e pelos próprios discursos estudantis, merecedores de uma nova e melhor posição social; e a última fase é a de reagregação, momento em que se juntarão novamente à sociedade de origem e receberão as recompensas pelo esforço feito. Para que essa última etapa se realize plenamente, tal como me contaram, é preciso revalidar o diploma, para que possam exercer legalmente a profissão no Brasil.

O fato de o índice de aprovação no referido exame ser tão baixo faz com que a sociedade xavantinense critique o projeto cunhado por esses estudantes e que o veja como irracional. Em muitas ocasiões, tal crítica vem ainda misturada com uma imagem negativa da Bolívia, como um país incapaz de oferecer um estudo de qualidade, o que deixa o fluxo Brasil-Bolívia ainda mais intrigante, pois, como visto, nos raros e escassos casos em que os estudos migratórios lidam com o fluxo de estudantes e não de

trabalhadores, esse fluxo se dá no sentido sul-norte<sup>22</sup> ou em direção a países que essas pessoas consideram mais desenvolvidos do que os seus países de origem (como no caso do movimento estudantil África-Brasil<sup>23</sup>), ao contrário do que se vê no caso do fluxo Brasil-Bolívia (contra fluxo?).

O fato de se mudar para a Europa ou mesmo para o Brasil já é visto como fonte de prestígio, ao contrário do que ocorre com os brasileiros na Bolívia. Esse país é visto por eles como última opção, uma vez que seu próprio país não lhes possibilitou cursar a graduação desejada. Os estudantes brasileiros na Bolívia costumam ser, inclusive, menosprezados pela decisão de “migrar”, por grupos xavantineses. Sair neste caso não é visto como algo positivo, podendo até mesmo ser considerado atestado de incompetência: “ele não passou no vestibular” ou “os pais dele não podem pagar uma faculdade particular”. Enquanto que para os estudantes africanos, o movimento é extremamente positivo, pois ter a oportunidade de estudar fora e em países considerados “mais avançados” que os seus países de origem “não é para qualquer um”.

Há de se ter condições econômicas e de *status* prévias para isso ou passar em seleção competitiva para a obtenção de bolsas de estudos – Morais (2012) fala, por exemplo, dos moçambicanos filhos de embaixadores. Para os brasileiros entrevistados, por outro lado, ir para a Bolívia cursar a graduação pode trazer implicações negativas no momento de sua reagregação à sociedade brasileira, uma vez que essas imagens negativas podem se traduzir em discriminação no mercado de trabalho, numa ideia de que os profissionais formados na Bolívia seriam menos competentes.

O fato é que apesar de esse projeto de se tornar médico via Bolívia ser desencorajado por muitos e inclusive pelo Itamaraty, segundo me contou o Sr. Marcelo, muitos brasileiros ainda investem nele, devido à lógica social exposta. Em discursos dos órgãos governamentais e técnicos ligados à revalidação dos diplomas estrangeiros de medicina, pude perceber uma preocupação grande com relação à adequação do preparo dos profissionais formados no exterior. Essas discussões políticas se tornam instigantes, na medida em que parecem únicas – não tive contato com esse tipo de discussão ao

---

<sup>22</sup> Entendo sul-norte não apenas como referenciais de hemisfério sul e hemisfério norte, mas dentro de um contexto em que se compreende as diferenças de “desenvolvimento” entre as nações. Neste caso, não me refiro apenas ao sul como “hemisfério sul” do globo, mas entendo sul dentro de um contexto de “subdesenvolvimento”, se comparado com a visão que se tem dos países “do norte”, nações tidas como mais “desenvolvidas” e que, por isso, também abrigariam instituições de ensino mais renomadas internacionalmente.

<sup>23</sup> Mesmo o Brasil sendo visto pelos estudantes como uma nação de desenvolvimento intermediário, diferente de países europeus ou norte-americanos, ele é tido como mais desenvolvido do que os seus países de origem.

estudar casos de migração laboral – e por colocarem em choque a educação brasileira e a boliviana – assim com a de outros países, especialmente sul americanos, que estão virando destinos comuns dos brasileiros que querem cursar medicina.

Além da preocupação acerca do preparo que os estudantes recebem no exterior, órgãos ligados à revalidação de diplomas exprimem um questionamento a respeito da forma pela qual a formação dos médicos deve ser avaliada, o que pode pôr em cheque a educação que o Brasil oferece àqueles que aqui estudam medicina. O próprio sistema educacional brasileiro pode ser questionado, na medida em que se indaga até que ponto a prova aplicada para revalidação dos diplomas daqueles que se formaram no exterior seria compatível com os conhecimentos que os próprios brasileiros obtêm nas universidades brasileiras. Se, por um lado, é compromisso do governo assegurar que todos os formados no exterior tenham uma formação de qualidade e compatível com o que se quer ter no Brasil; por outro, há quem argumente que a prova do Revalida é uma prova excludente e discriminatória, por exigir conhecimentos próprios de especialistas e não de clínicos gerais.

Por fim, entendi que o poder transformador que se espera dessa experiência e da profissão de médico parece justificar o projeto de todos esses brasileiros estudantes, mesmo quando ele tem sua viabilidade questionada. Acredito que falem políticas públicas que analisem e equacionem o restrito acesso ao curso de medicina no Brasil, especialmente em locais que sofrem com a carência de profissionais e com a desigualdade educacional, bem como estudos efetivos que comparem as matrizes curriculares e a concepção do médico no Brasil e na Bolívia.



## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRETELL, C. Theorizing migration in anthropology: the social construction of networks, identities, communities and globalscapes. *In: BRETELL, C.; HOLLIFIELD, J. F. Migration theory: talking across disciplines*. New York: Routledge, 2000, p. 97-135.

COSTA, A. Estudantes Moçambicanos em Lisboa: dinâmicas identitárias e processos de mudança social e cultural. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 2008, Porto Seguro. **Anais 26ª RBA**.

DIAS, J. B. A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares. *In: Teixeira, C. C. (org). Em busca da experiência mundana e seus significados. George Simmel, Alfred Schutz e a antropologia*. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2000, p. 65-95.

FAZITO, D. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 25, n.72, p. 89-176 Fev. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092010000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Set. 2010.

FLEISCHER, S. R. **Passando a América a limpo: o trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Massachussets**. São Paulo: Annablume, 2002.

FONSECA, C. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. *In: MARTINS, C. B; DUARTE, L.F. D. (coords). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. Antropologia*. São Paulo: ANPOCS. (123-154). 2010.

FONSECA, C. Mãe é uma só? Reflexões entorno de alguns casos brasileiros. **Psicologia USP**, São Paulo, v.13 n.2, 2002. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-656420020002000005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-656420020002000005&lng=en&nrm=iso) Acesso em 20 Out. 2010.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2011 [1909].

GUSMÃO, N. M. M. Diáspora africana: a vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil. *In: Reunião Brasileira de Antropologia*, 2008, Porto Seguro, **Anais 26<sup>a</sup> RBA**.

HERMAN, E. **Migration as a Family Business: The Role of Personal Networks in the Mobility Phase of Migration**. The Netherlands: Institute for Migration and Ethnic Studies, Political Science Department, University of Amsterdam, 2006.

INDA, J. X.; ROSALDO, R. Tracking Global Flows. *In: INDA and ROSALDO (eds.) (2008, 2<sup>nd</sup> Ed.). The Anthropology of Globalisation*. 2008.

LEINAWEAVER, J. B. Improving Oneself: Young People Getting Ahead in the Peruvian Andes. *In: Latin American Perspectives*. 2008.

LOBO, A. S. Mantendo relações à distância: o papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. *In: TRAJANO FILHO, W. (org.). Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

MACHADO, I. J. R. Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, Jun. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-718320090001000007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-718320090001000007&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 20 Out. 2010.

MACHADO, I. J. R. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *In: Reunião Brasileira de Antropologia*, 2008, Goiânia, **Anais 25<sup>a</sup> RBA**.

MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MALINOVSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. In: *Ethnologia*, n.s., nº 6-8, 1997 [1922], pp. 17-37.

MORAIS, S. S. **Caminhos entre continentes: estudantes dos Palop em universidades brasileiras e suas dinâmicas identitárias**. 2009. Trabalho de Conclusão do Curso (Ciências Sociais/Bacharelado com Habilitação em Antropologia) – Departamento de Antropologia – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MORAIS, S. S.; SILVA, K. C. Estudantes de países africanos de língua oficial portuguesa nas universidades brasileiras: tensões de sociabilidade e dinâmicas identitárias. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2010, Belém, **Anais 27ª RBA**.

MUNGOI, D. **O Mito Atlântico: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PEIRANO, M. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RIBEIRO, G. L. **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2000.

RICCIO, B. Talkin' about migration – some ethnographic notes on the ambivalent representation of migrants in contemporary Senegal. **Stichproben. Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien** Nr. 8/2005, 5 Jg.

SARGENT, C.; LARCHANCE-KIM, S.; YATERA, S. Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental. **Cadernos Pagu**,

Campinas, n. 29, p. 257-284, Dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332007000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 abr. 2011.

SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. **Revista Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 103-126. 2009. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/58-dossie-subuhanac.pdf>> Acesso em: 15 Abr. 2011.

TURNER, V. **O processo ritual – estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974 [1969].

VELHO, G. **Projeto e metamorfose – antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WOORTMANN, K. A. A. W. Um Filho Só Não é Filho. **Humanidades**, Brasília, v. 10, p. 51-59, 1986.

## Apêndice I – Formulário do Censo Virtual

# Censo dos estudantes brasileiros na Bolívia - Pesquisa da UnB com apoio do Ministério das Relações Exteriores

As respostas às perguntas não são obrigatórias

Em que ano você chegou à Bolívia

Cidade em que vive na Bolívia

Nome da instituição de ensino na qual estuda

☐

UNIFRANZ

☐

UDABOL

☐

UCEBOL

☐

Universidade Nacional Ecológica

☐

Universidade Evangélica Boliviana

☐

Outro:

Curso

Gênero

☐

Masculino

☐

Feminino

Ano letivo do curso você em que está

☐

Primeiro ano

☐

Segundo ano

☐

Terceiro ano

☐

Quarto ano

☐

Quinto ano

☐

Sexto ano

Cidade e Estado de origem no Brasil. Exemplo: Pindamonhangaba/SP

Idade

☐

15 a 17 anos

☐

18 a 24 anos

☐

25 a 30 anos

☐

31 a 35 anos

- ☐ 36 a 40 anos
- ☐ 40 anos ou mais

Possui renda?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se trabalha, informe qual cargo ocupa e em qual área

Se possuir renda, informar rendimento mensal (baseado no valor do salário mínimo - R\$622,00)

- ☐ Até meio salário mínimo
- ☐ Mais de meio a um salário mínimo
- ☐ Mais de 1 a 2 salários mínimos
- ☐ Mais de 2 a 3 salários mínimos
- ☐ Mais de 3 a 5 salários mínimos
- ☐ Mais de 5 salários mínimos

Se não possuir renda, informe a renda da sua família (compreende aqueles que moravam com você na sua casa no Brasil)

- ☐ Até meio salário mínimo
- ☐ Mais de meio até um salário mínimo
- ☐ Mais de 1 a 2 salários mínimos
- ☐ Mais de 2 a 3 salários mínimos
- ☐ Mais de 3 a 5 salários mínimos
- ☐ Mais de 5 salários mínimos

Nível de escolaridade da sua mãe

- ☐ Analfabeta
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Pós-graduações
- ☐ Não sabe informar

Nível de escolaridade do seu pai

- ☐ Analfabeto
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo

- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Pós-graduações
- ☐ Não sabe informar

Qual foi o primeiro emprego da sua mãe?

Atual ocupação da sua mãe

Primeiro emprego do seu pai

Atual ocupação do seu pai

Antes de vir à Bolívia estudar, você estudava em escola pública ou particular?

- ☐ escola pública
- ☐ escola particular

Antes de vir à Bolívia, já havia cursado outra graduação no Brasil?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, qual curso?

Antes de vir à Bolívia, você já tinha saído do Brasil?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, para qual país?

E com que motivo?

- ☐ Viagem turística
- ☐ Trabalho
- ☐ Estudo
- ☐ Migração familiar
- ☐ Outro:

Seus pais já saíram do Brasil alguma vez?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, em que situação?

Sua família já migrou? (por exemplo, de uma região para outra, de uma cidade para outra ou de um país para outro)

- ☐ Sim  
☐ Não

Se sim, qual foi o motivo da migração?

Onde você pretende exercer sua profissão depois de se formar?

- ☐ Brasil  
☐ Bolívia  
☐ Outro:

Se no Brasil, em qual unidade da federação?

Como você avalia sua formação na Bolívia?

- ☐ Muito fraca  
☐ Fraca  
☐ Mediana  
☐ Forte  
☐ Muito forte

Como você tomou conhecimento das oportunidades de estudo na Bolívia

Nome da instituição

Se outros, qual instituição?

Você recomendaria a experiência para amigos no Brasil?

- ☐ sim  
☐ não

Enviar